



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

GÊNERO, EDUCAÇÃO E DIREITOS HUMANOS:

Malala Yousafzai e a defesa do direito das meninas ao ensino escolar

Déborah Abreu de Araujo

RIO DE JANEIRO
2014

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO**

GÊNERO, EDUCAÇÃO E DIREITOS HUMANOS:

Malala Yousafzai e a defesa do direito das meninas ao ensino escolar

Déborah Abreu de Araujo

Monografia de graduação apresentada à Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social, Habilitação em Jornalismo.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Cristiane Henriques Costa

**RIO DE JANEIRO
2014**

GÊNERO, EDUCAÇÃO E DIREITOS HUMANOS:

Malala Yousafzai e a defesa do direito das meninas ao ensino escolar

Déborah Abreu de Araujo

Trabalho apresentado à Coordenação de Projetos Experimentais da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, Habilitação Jornalismo.

Aprovada por

Prof.^a Dr.^a Cristiane Henriques Costa – orientadora

Doutora em Comunicação pela Escola de Comunicação – UFRJ

Departamento de Comunicação – UFRJ

Prof.^a Dr.^a Lígia Campos de Cerqueira Lana

Doutora em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais

Departamento de Comunicação - UFRJ

Prof.^a Dr.^a Suzy dos Santos

Doutora em Comunicação e Cultura Contemporânea pela Universidade Federal da Bahia

Departamento de Método e Áreas Conexas - UFRJ

Aprovada em:

Grau:

RIO DE JANEIRO

2014

ARAUJO, Déborah Abreu de.

Gênero, Educação e Direitos Humanos: Malala Yousafzai e a defesa do direito das meninas ao ensino escolar/ Déborah Abreu de Araujo – Rio de Janeiro; UFRJ/ECO, 2014.

61 f.

Monografia (graduação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, Habilitação Jornalismo, 2014.

Orientação: Cristiane Henriques Costa

1. Ativismo. 2. Ensino escolar. 3. Meninas. I. COSTA, Cristiane Henriques II. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Escola de Comunicação.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por seu Amor Incondicional, sua Bondade e por estar comigo o tempo todo. Agradeço aos meus pais, Robson e Dayse, pelos sacrifícios que fizeram para eu ter uma educação de qualidade; à minha tia Sônia e meu avô Ivan, pelo amor com o qual sempre cuidaram de mim e por me receberem na casa deles nos últimos meses para eu terminar de escrever. À minha irmã Gabi, espero ser digna da admiração que você tem por mim. E a toda minha família, pelo carinho e por sempre acreditarem que eu iria longe.

Agradecimentos infinitos à minha professora e orientadora, Cristiane Costa, por toda paciência, leitura atenta e conselhos nos últimos três anos; às professoras Suzy Santos e Lígia Lana, por terem aceitado participar da minha banca; e à professora Raquel Paiva e suas monitoras, Ana Clara e Thais, que ajudaram a dar forma a este trabalho. Também agradeço pela colaboração da Adriana Saraiva, do IBGE, e às minhas entrevistadas: Adriana Carranca, Marília Moschkovich e professora Samira Adel Osman.

Agradeço também aos meus amigos e amigas, da ECO e de Niterói, que ficaram na torcida para essa monografia sair; principalmente às meninas da Célula Videira, pelas orações nos nossos encontros semanais; a Luana e a Lígia, pela leitura atenta e conversas que me ajudaram a organizar as ideias deste trabalho; e a Thais, mestre da ABNT.

Não poderia esquecer das equipes que tanto me ensinaram em paralelo aos estudos: H+, Instituto Ciência Hoje, MediaLab.UFRJ e Revista de História da Biblioteca Nacional. Excelentes profissionais e pessoas, com quem aprendi muito sobre Jornalismo e sobre a sociedade de maneira geral, e me ajudaram a ser alguém melhor.

In memoriam Azilar Oliveira de Araujo.

E ainda que tivesse o dom de profecia, e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, e ainda que tivesse toda a fé, de maneira tal que transportasse os montes, e não tivesse amor, nada seria.

1 Coríntios 13:2

ARAUJO, Déborah Abreu de. **Gênero, Educação e Direitos Humanos: Malala Yousafzai e a defesa do direito das meninas ao ensino escolar.** Orientadora: Cristiane Henriques Costa. Monografia (Graduação Em Jornalismo) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro. 61 f.

RESUMO

Obstrução à educação de meninas, casamento infantil e violência sexual são apenas alguns dos problemas gerados pelo fundamentalismo teocrático e pela manutenção de costumes tribais no Oriente Médio. Nesse contexto, a jovem ativista paquistanesa Malala Yousafzai aparece como representante da luta pelos direitos de todas as crianças, principalmente as meninas, ao ensino escolar. Essa é uma reivindicação básica para a transformação social. Este trabalho propõe discutir a importância da educação e as questões de gênero a partir da leitura de diversos autores, bem como pelo monitoramento desses assuntos na mídia. Além disso, esse estudo busca compreender e explicar as condições que permitiram eleger Malala Yousafzai como símbolo da causa das meninas.

Palavras-chave: Ativismo. Ensino escolar. Meninas.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO

2. DEFESA DOS DIREITOS DAS MENINAS

2.1. Objetivos do Milênio

2.2. Formas de violência contra as meninas

2.3. O domínio masculino

2.4. Meninas e sexo forçado

3. MULHERES MUÇULMANAS E ATIVISMO

3.1. A história dos direitos das mulheres

3.2. A luta das muçulmanas

4. ESTUDO DE CASO: PAQUISTÃO

4.1. Meninas vivendo sob leis muçulmanas

4.2. A caneta é mais poderosa que a espada

4.3. Prêmios e holofotes: a luta pela educação continua

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

6. REFERÊNCIAS

7. ANEXOS

1. INTRODUÇÃO

“*A caneta é mais poderosa que a espada.*” Este antigo provérbio holandês mostra que a força de um povo alfabetizado e instruído pode ser maior do que qualquer exército comandado por líderes autoritários. Educação de qualidade para todos é uma das agendas dos Objetivos do Milênio para o Desenvolvimento, projeto da Organização das Nações Unidas (ONU), com validade para 2015. Essa também é a demanda da Malala Yousafzai, jovem paquistanesa e ativista pelo acesso à educação para todas as crianças em uma região onde predomina o fanatismo religioso, as tradições tribais e a repressão às mulheres. Motivada pelo pai, um educador e ativista conhecido no Paquistão, Malala começou desde cedo a defender o ensino para todos – e atraiu muitos inimigos por sua causa. No dia 9 de outubro de 2012, aos 15 anos de idade, ela foi vítima de um atentado pelo grupo fanático Talibã.

O episódio atraiu o reconhecimento da mídia internacional e o apoio a Malala de diversos políticos e figuras públicas, bem como de pesquisadores acadêmicos. Assim começou a pesquisa que resultou neste trabalho de conclusão de curso. Diversas perguntas vieram à tona: como na lógica de um grupo – que se diz “religioso” – pode ser racional e correto tentar matar uma menina? O que a tornou um alvo desse grupo? Como surgiu esse desejo, essa vocação de lutar pelos direitos de outras meninas? E, principalmente, quem seria essa menina?

Dois anos de pesquisa em livros e reportagens de jornais online, além de entrevistas com especialistas, resultaram na definição do tema para o trabalho de conclusão de curso. Mas a escolha por estudar mulheres e Oriente Médio começou antes mesmo das notícias sobre a Malala. O monitoramento de notícias sobre a região começou ainda em 2010, com a leitura de livros como *Retratos de uma guerra* (FINGUERMAN, 2005), *O Irã sob o chador* (CAMARGOS & CARRANCA, 2010), *Lendo Lolita em Teerã* (NAFISI, 2009) e *O Afeganistão depois do Talibã* (CARRANCA, 2011). Esses títulos, baseados em relatos pessoais de jornalistas brasileiros e uma professora de Literatura iraniana, buscam aproximar os leitores ocidentais das histórias dos mais diversos tipos de pessoas – muçulmanos, judeus, cristãos, velhos, jovens, radicais, pacifistas, profissionais liberais e líderes religiosos – que nasceram, cresceram e vivem numa região até hoje retratada pela grande mídia como um grande campo de guerra e perseguição religiosa.

A História, por sua vez, a origem de muitos avanços, tanto científicos quanto culturais, está na cultura islâmica. A jornalista ugandesa-canadense Irshad Manji lembra “algumas contribuições do islamismo para a cultura ocidental: o violão. O xarope contra tosse. A

Universidade. A álgebra. E a expressão ‘Olé!’, cuja raiz é ‘Alá!’” (2004, p. 64). Por outro lado, o encontro do Islamismo com costumes tribais levou ao encobrimento da História e potencial científico-cultural do Oriente Médio. O ápice foi no século XX, com as diversas revoluções que levaram à derrubada dos governos liberais e aliados às potências do Ocidente, que levaram ao poder líderes militares ou religiosos autocráticos. No entanto, a geração atual está começando a dar sinais de resistência à ditadura da ignorância – como se pode ver a partir da Primavera Árabe.

Metodologia

O primeiro passo é buscar compreender o que seria a educação de meninas no Oriente Médio. Uma vez que o tema ainda pouco estudado na academia, foi feita a revisão bibliográfica de autores específicos sobre cada ponto. Sodré (2012) e Patrício (2009) são essenciais para entender a importância sociocultural da educação. A questão dos direitos das mulheres e da violência a qual são submetidas pode ser trabalhada a partir das leituras de Giffin (1994) e Landini (2006) – que trabalha a repercussão na mídia da violência sexual contra meninas. E não poderiam faltar as leituras de Bourdieu (1998) e Foucault (1980) sobre as relações de poder e a dicotomia “dominador X dominado”.

O grande desafio foi trabalhar a mulher muçulmana. Antes de tudo, é preciso compreender a História e Cultura islâmica, melhor trabalhadas por Said (2012), Hourani (2006), El Hajjami (2008) e Monshipouri (2004). No entanto, há jornalistas que, por meio de uma pesquisa aprofundada e do próprio trabalho de campo, chegam mais perto de explicar quem é a muçulmana atual e quais os seus objetivos. Carranca (2011) e Manji (2004), não só servem de inspiração para esse trabalho, como também trazem uma grande contribuição bibliográfica.

A segunda parte da metodologia é procurar como a mídia trabalha os temas desse trabalho: educação, gênero e defesa de direitos. As páginas de órgãos das Nações Unidas são grande fonte de pesquisa para esses assuntos, mas também é importante a visita em diversos veículos, tanto da grande mídia – como Amanpour (CNN), BBC, The New York Times, Estadão, G1, Folha de S. Paulo –, quando canais alternativos – Pragmatismo Político, Revista Pittacos.

Por fim, entram as entrevistas da reportagem feita para a disciplina Jornal Laboratório, precursora deste trabalho. As fontes são a jornalista Adriana Carranca, correspondente especial do Estado de S. Paulo; a professora de História da Ásia da Universidade Federal de São Paulo, Samira Adel Osman; e a socióloga e blogueira feminista Marília Moschkovich. Cada uma, com sua especialidade e ponto de vista singular, contribuiu para construir essa proposta de estudo.

Roteiro de Capítulo

O que é educação? O que é gênero? Quais os fatores que levam à disparidade entre meninas e meninos no acesso ao ensino escolar? E o que promove a intensificação dessa desigualdade de gênero dentro das sociedades muçulmanas? Este trabalho busca contextualizar a condição das meninas e os tipos de violência – incluída a obstrução do acesso à educação – aos quais elas são submetidas. Entender esses conceitos é essencial para compreender a atuação da ONU por meio da publicação de relatórios e promoção de projetos de ajuda humanitária a mulheres e meninas. O Dia Internacional das Meninas, instituído em 2011, entra como um marco importante para dar visibilidade a esse cenário.

O primeiro capítulo traz uma relação de tipos de violência aos quais mulheres e meninas em todo mundo são submetidas. Entram nesse rol não apenas a agressão física e sexual, mas a violência simbólica, desde a criação de estereótipos que vitimam as mulheres; leis e costumes que as oprimem; e a obstrução de direitos essenciais, como o acesso de meninas à educação.

A segunda parte do trabalho traz autores que buscam quebrar os estereótipos em relação às mulheres muçulmanas. Segundo a historiadora Samira Adel Osman, elas têm suas próprias representantes e seus valores, e por isso não precisam da voz das ocidentais para lutar por seus direitos – esse movimento já está em curso. Isso é evidenciado pelo levante de mulheres ao lado dos homens na Primavera Árabe, assim como o reconhecimento de ativistas muçulmanas por premiações internacionais. O Prêmio Nobel da Paz de 2011, por exemplo, foi dividido entre a ativista liberiana Leymah Gbowee, atual presidente da Libéria, Ellen Johnson Sirleaf, e a jornalista iemenita Tawakkul Karman. Ainda pouco trabalhada, essa questão é de extrema importância para a defesa de direitos das meninas muçulmanas.

No último capítulo é traçada a trajetória de vida da Malala Yousafzai a partir da autobiografia e de momentos-chave de sua intensa atuação como ativista: a curta vida do blog *Diário de uma estudante paquistanesa*, que ela escreveu para a BBC Urdu em 2011; o atentado do Talibã e o apoio internacional; sua recuperação e volta aos estudos; e o reconhecimento mundial, com destaque para o Prêmio Nobel da Paz de 2014 – que recebeu ao lado de outro ativista pela educação, o indiano Kailash Satyarthi. Assim, busca-se compreender o que difere a Malala de outras meninas? Quais fatores propiciaram essas diferenças? E como ela se tornou símbolo de uma importante luta no Oriente Médio, que é o acesso de todos – independentemente de gênero, classe social ou crença – à educação?

2. DEFESA DOS DIREITOS DAS MENINAS

Dia 9 de dezembro de 2011 – sede da Organização das Nações Unidas em Nova York, Estados Unidos. A Assembleia Geral se reúne para implantar mais uma resolução: o Dia Internacional das Meninas, a ser celebrado anualmente a partir de 2012 no dia 11 de outubro. A data se junta a outras duas importantes comemorações internacionais para as mulheres: o Dia Internacional das Mulheres – 8 de março e o Dia Internacional do Combate à Violência Contra a Mulher – 25 de novembro. No entanto, estas comemorações não garantem a plena igualdade entre os gêneros, seja no ensino escolar, no mercado profissional, no meio acadêmico ou até mesmo dentro das residências; estas celebrações são para lembrar os direitos que o gênero feminino conquistou até o momento e as lutas que ainda tem de travar até o dia em que houver plena igualdade para todas as pessoas do mundo.

A resolução da ONU¹ tem como objetivos lembrar que os direitos humanos e outros instrumentos relevantes à segurança das crianças devem ser resguardados, bem como reconhecer o empoderamento e investimento na formação educacional das meninas como essenciais para o crescimento econômico e desenvolvimento social sustentável. Ambas as questões são defendidas pelos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio, uma agenda da ONU para 2015²:

Incluindo a erradicação da pobreza e da extrema pobreza, bem como a significativa participação das meninas nas decisões que lhes dizem respeito, como a chave para quebrar o ciclo de discriminação e violência, e na promoção e proteção a pleno e efetivo gozo de seus direitos humanos, e reconhecendo também que a capacitação das meninas exige a participação ativa nos processos de tomada de decisão e o ativo apoio e engajamento de seus pais, tutores legais, familiares e prestadores de serviços, bem como os meninos, os homens e a comunidade em geral. (ONU, 2011, p. 1)³

A partir do Dia Internacional das Meninas, o trabalho busca mostrar a importância da defesa dos direitos das meninas e jovens mulheres no cenário mundial atual, apesar de muitas

¹ ONU. *Resolution 66/170. International Day of the Girl Child*. Nova York (EUA), 30.3.2012. Disponível em: http://www.un.org/ga/search/view_doc.asp?symbol=A/RES/66/170. Acesso em: 31 de março de 2014.

² ONU. *Resolution 55/2. United Nations Millennium Declaration*. Nova York (EUA), 18.9.2000. Disponível em: <http://www.un.org/millennium/declaration/ares552e.pdf>. Acesso em: 31 de março de 2014.

³ Tradução da autora. "(...) including the eradication of poverty and extreme poverty, as well as the meaningful participation of girls in decisions that affect them, are key in breaking the cycle of discrimination and violence and in promoting and protecting the full and effective enjoyment of their human rights, and recognizing also that empowering girls requires their active participation in decision-making processes and the active support and engagement of their parents, legal guardians, families and care providers, as well as boys and men and the wider community, (...)".

sociedades ainda não compreenderem e/ou buscarem implantar políticas de equidade, como no setor escolar, para todas as pessoas, independentemente de gênero. Por conta disso, também é preciso explicar em que sentido “gênero” e “educação” são utilizados nesta pesquisa.

2.1. Objetivos do Milênio

Alcançar a educação básica de qualidade para todos. Promover a igualdade entre gêneros e o empoderamento das mulheres. Estes são, respectivamente, os itens dois e três dos Objetivos do Milênio para o Desenvolvimento, agenda iniciada em 2002 pela ONU para, entre outras metas, erradicar a pobreza e a fome extremas; reduzir a mortalidade infantil; melhorar a saúde das gestantes; combater a AIDS, a malária e outras doenças; promover qualidade de vida e respeito ao meio ambiente; e unir o mundo todo em prol do desenvolvimento.

De acordo com Muniz Sodré, em *Reinventando a educação* (2012), o processo educacional é responsabilidade não apenas da Escola, mas também como uma tarefa de todo o sistema social, que inclui Família, Igreja, Comunidade, entre outros. Sodré conceitua a educação como “o processo de incorporação intelectual e afetiva, pelos indivíduos, dos princípios e das forças que estruturam o *Bem* de uma formação social” (p. 15), e declara que não basta promover apenas políticas futuras para a educação; é preciso tomar atitudes agora, e atitudes seguras:

É por isso que o amanhã educacional já é um lugar no tempo presente, embora um lugar vazio de determinações e pleno apenas de forças de transformação do futuro. Por mais que a organização social e suas instituições derivadas tentem conter o processo educacional nos limites dados pelo funcionamento econômico e político da sociedade centrado na repetição da igualdade de si mesmo, parece haver sempre algo que se ignora e que convida o pensamento a ir além. É o que sugeria Freud ao falar das “três tarefas impossíveis”, a saber: governar, psicanalisar e educar. (SODRÉ, 2012, p. 12)

Ainda, para Sodré (2012), a educação seria o processo de incorporação intelectual e afetiva, pelos indivíduos, dos princípios e das forças que estruturam o *Bem* de uma formação social; ou seja, “o equilíbrio econômico, político e ético da comunidade humana para a preservação da vida e para a continuidade do grupo de acordo com os princípios de sua fundação” (SODRÉ, 2012, p. 15).

O relatório *Investing in Development – A Practical Plan to Achieve the Millennium Development Goals*⁴, elaborado pelo órgão consultivo independente UN Millennium Project em 2005, sugere que os investimentos em educação primária devem ser equilibrados com apoio seletivo à educação pós-primária - o equivalente ao Ensino Médio no Brasil -, com particular atenção às oportunidades educacionais para meninas e jovens mulheres:

Investimentos em escola primária podem ajudar a criar o canal para a educação pós-primária, assim como oportunidades para entrar na educação pós-primária são necessárias para reforçar a demanda no nível primário. Intervenções adicionais necessárias para aumentar a participação das meninas na escola primária (e que também podem ser aplicadas para o nível pós-primário) incluem tornar a escolaridade mais acessível, reduzindo custos e oferecendo bolsas de estudos direcionadas; construção de escolas perto das casas das meninas, tornando a infraestrutura das escolas, por exemplo, as instalações sanitárias, seguras e "receptivas às moças"; eliminando preconceitos de gênero nos currículos, e melhorando conteúdo, qualidade e relevância da educação. Outros aspectos importantes para promover a educação para meninas e mulheres incluem oportunidades de educação informais, como os programas de alfabetização das mulheres. (ONU, 2005, p. 86)⁵

Os trabalhos da ONU são, nesse sentido, um grande passo para a sociedade. Segundo a socióloga Daniela Silva Patrício, no artigo *Educação e Gênero* (2009), a educação de mulheres e meninas nem sempre foi uma agenda importante para os governos em tempos passados. A partir da análise do feminismo no Brasil, bem como o levantamento de diretrizes da legislação brasileira referentes à educação, a autora verifica que desde a Constituição de 1988 o “movimento de mulheres começa a colher os resultados das lutas encerradas nas décadas anteriores. É neste momento que, no Brasil, se formaliza a democratização do ensino, que teve início logo depois da Revolução de 1930” (PATRÍCIO, 2009, p. 12).

Dados apontam que o Brasil evoluiu consideravelmente no que diz respeito ao acesso à educação, durante o século XX. Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios de

⁴ “Investir em Desenvolvimento: Um plano prático para atingir os Objetivos do Milênio”, em tradução livre.

⁵ Tradução da autora. “*Primary school investments can help create the pipeline for postprimary education, just as opportunities to enter into postprimary education are required to reinforce demand at the primary level. Additional interventions required to increase girls’ participation in primary school (and which may also apply to the postprimary level) include making schooling more affordable by reducing costs and offering targeted scholarships; building schools close to girls’ homes; making the infrastructure of schools, such as sanitary facilities, safe and “girl-friendly”; eliminating gender biases in curricula; and improving the content, quality, and relevance of education. Other important ways to promote education for girls and women include informal education opportunities such as women’s literacy programs.*”

2012⁶, feita pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, a população feminina de 5 a 17 anos de idade correspondia a 20,6 milhões⁷ de meninas em todo o Brasil. Destas, 19,4 milhões frequentavam escolas da rede de ensino (seja particular ou pública), distribuídas entre os seguintes níveis: Educação infantil – pré-escolar; Educação infantil – pré-escolar, maternal, jardim de infância etc.; Educação infantil – pré-escolar – classe de alfabetização; Alfabetização de adultos; Ensino Fundamental; Ensino Médio e Ensino Superior. Ter 1,2 milhões de meninas nessa faixa etária fora do sistema escolar numa população de 190.732.694 habitantes (IBGE, 2012), como é o caso do Brasil, já é alarmante. Imagine ter 76 milhões de jovens mulheres entre 15 e 24 anos de idade analfabetas, em 150 países⁸.

No entanto, informações sobre a educação das mulheres em países muçulmanos apontam as realidades mais diversas em cada localidade. O relatório *Women's Rights in the Middle East and North Africa 2010*⁹ – 11 meses de eclodir o movimento Primavera Árabe –, publicado pela organização Freedom House¹⁰, mostra que na Arábia Saudita, por exemplo, as mulheres representam 56% dos cerca de 32 mil estudantes do Ensino Superior, no entanto, a essas mulheres é proibido cursar Engenharia. Já em áreas rurais do Iêmen, 30% de meninas estão na escola primária, enquanto 73% dos meninos estudam. No nível Superior, elas compõem 25% do total de estudantes universitários, e cerca de 50% das universitárias estão no campo do magistério – mas ainda assim, é uma percentagem pequena. Outro exemplo interessante é a Tunísia, onde mais de 50% dos universitários são mulheres. No entanto, os dados mostram que essa abertura no acesso ao ensino não se reproduz no mercado de trabalho do país, como mostra o texto sobre a Tunísia da socióloga Lilia Ben Salem para o relatório da Freedom House¹¹:

Elas possuem diversas posições na maioria dos setores, incluindo os tradicionalmente fechados às mulheres, como o judiciário, o exército, engenharia e medicina. No entanto, a desigualdade persiste, especialmente em áreas rurais, onde as mulheres raramente possuem terras e estão sobrecarregadas por terem de

⁶ IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (2012). Disponível em: <http://goo.gl/hiZ8JO>. Acesso em: 31/03/2014.

⁷ Dados ponderados pela revisão 2008 das projeções populacionais, incluindo a tendência 2000-2010. Vide nota técnica no site da pesquisa.

⁸ Dados de 2013, Instituto de Estatísticas da UNESCO. Disponível em: <http://goo.gl/VsBOJL>. Acesso em: 31/03/2014.

⁹ Último Segundo – iG. “Apesar de papel em levantes, mulheres árabes ainda lutam por direitos”. 08/12/ 2011. Disponível em: <http://goo.gl/AMcBLT>. Acesso em: 31/03/2014.

¹⁰ Freedom House. “Women's rights in Middle East and North Africa 2010”. Disponível em: <http://goo.gl/uGIEb5>. Acesso em: 31/03/2014.

¹¹ “Tunisia.” Disponível em: <http://goo.gl/L3qjhS>. Acesso em: 31/03/2014.

equilibrar as atividades rurais e trabalho doméstico. Além disso, as mulheres são promovidas a cargos gerenciais com menos requênciã e ganham, em média, menos do que os homens, em particular no setor privado. (BEN SALEM, 2010, p. 2)¹²

Esses dados não são muito diferentes da situação das mulheres em meados do século XX, uma época que a lógica dos governos nacionalistas propunha que a educação fosse além da formação de elites, chegando a todo povo (HOURANI, 2006). Em *Uma história dos povos árabes*, do historiador britânico-libanês Albert Hourani (1915-1993), é possível perceber que a proporção de mulheres na educação secundária e superior era bem menor que a de homens: no Egito, 94% eram analfabetas em 1937 e 83% em 1960, e na maioria dos países os números eram ainda mais altos. “O objetivo dos governos nacionais, porém, era educar tanto as moças quanto os rapazes, já que de outro modo metade da força potencial do país não seria utilizada na economia de salários” (HOURANI, 2006, p. 509). Em 1960-61, 22% dos estudantes eram do gênero feminino na Universidade de Bagdá (Irã); na de Rabat (Marrocos), eram 14%; e na de Tunis (Tunísia), 23%.

Segundo pesquisas da jornalista Irshad Manji (de família muçulmana, nascida em Uganda e radicada no Canadá), em seu livro *Minha briga com o Islã*, o empoderamento de mulheres e a liberdade de pensamento seriam a chave para o desenvolvimento socioeconômico e político dos muçulmanos (2004, p. 68). A autora defende a *Ijtihad* – palavra árabe que significa “a tradição islâmica de liberdade de pensamento” –, para dar autonomia econômica às mulheres muçulmanas – como políticas de fomento a microempendedoras –, que as permitiria crescer financeiramente e ajudar suas comunidades. Segundo a autora, estes fatores estavam presentes na chamada “era de ouro do Islamismo” e foram cruciais para as contribuições dos muçulmanos para a Humanidade:

O espírito de pesquisa animou a idade de ouro do islamismo, entre 750 e 1250 d.C. No Iraque, o coração do império islâmico, os cristãos trabalharam ao lado dos muçulmanos para traduzir e ressuscitar a filosofia grega. Na Espanha, a fronteira mais a oeste do Islã, os muçulmanos criaram o que um historiador de Yale chama de “cultura de tolerância” com os judeus. (...) Eu gostaria de sublinhar algumas contribuições do islamismo para a cultura ocidental: o violão.

¹² Tradução da autora. “*They hold diverse positions in most sectors, including those traditionally closed to women, such as the judiciary, the army, engineering, and medicine. Yet inequity persists, particularly in rural settings, where women rarely own land and are overwhelmed by having to balance both farm and domestic work. Additionally, women are promoted to managerial positions less often and earn less than men on average, particularly in the private sector.*”

O xarope contra tosse. A Universidade. A álgebra. E a expressão “Olé!”, cuja raiz é “Alá!” (o maracá não é de nossa lavra).

A inovação e o espírito da *ijtihad* andavam de mãos dadas. (...) Discutiam que o Alcorão prescrevia para homens e mulheres. Mas o que é um homem? E o que é uma mulher? Debateram essas questões também. Era uma época em que se podia discutir até as implicações do Alcorão para os hermafroditas, gente que tem a genitália de ambos os sexos. (MANJI, 2004, p. 68-69)

Reforçando ainda a ideia de Manji para a autonomia das mulheres, a jornalista utilizou dados das Nações Unidas que apontam o reconhecimento do próprio povo muçulmano sobre a questão:

No verão de 2002, a ONU publicou seu primeiro *Relatório Árabe de Desenvolvimento Humano*. Com base em pesquisas feitas pelos próprios árabes, e redigido por eles, o relatório censura governos do Oriente Médio por negligenciar as energias de metade de suas populações: as mulheres. Na verdade, “o fortalecimento das mulheres” foi um dos três “déficits” que o relatório revelou, sendo os outros “instrução” e “liberdade”. Ajudar as mulheres a ter independência financeira em massa vai reforçar suas tentativas atuais, muitas vezes clandestinas, de aprender a ler e escrever. (MANJI, 2004, p. 201)

Mais do que um caminho para o desenvolvimento individual e social, a educação também serve para construir ferramentas próprias de defesa nas mãos das meninas e mulheres contra toda uma diversidade de violências encontradas no convívio social. No entanto, práticas como o casamento infantil e a exploração sexual de meninas prejudicam seu acesso à educação, além de apresentarem graves riscos à saúde e potencializar as chances delas sofrerem outros tipos de violência, como mostra reportagem da jornalista Luísa Pécora, de 2011. A matéria traz a história da jovem Nujood Ali, que ganhou notoriedade internacional por em 2008, aos 10 anos de idade, ser a mulher mais nova a se divorciar no Iêmen.

Casada em 2007 com um homem de 30 anos, ela foi estuprada e espancada repetidas vezes até conseguir a separação na Justiça (sob a condição de pagar o equivalente a R\$ 358 ao marido) e tornar-se símbolo de um costume considerado obstáculo crucial para a vida das mulheres do país: o casamento infantil. (PÉCORA, 2011)¹³

A reportagem também traz dados da organização Human Rights Watch, *How Come You Allow Little Girls to Get Married?*¹⁴, que compila entrevistas com trinta mulheres que casaram durante a

¹³ “Casamento infantil dificulta situação de mulheres no Iêmen”. *Último Segundo - iG*, 08/12/2011. Disponível em: <http://goo.gl/qr2OiA>. Acesso em: 10/07/2014.

¹⁴ “Como vocês permitem que meninas se casem?”, em tradução livre. *Human Rights Watch*. 08/12/2011. Disponível em: <http://goo.gl/AFuiGz>. Acesso em: 30/10/2014.

infância ou adolescência, além de representantes de organizações não governamentais e funcionários do Ministério da Saúde do Iêmen.

De acordo com a Human Rights Watch, quatro principais razões levam as famílias do Iêmen a promover o casamento infantil. No país mais pobre do Oriente Médio, as meninas podem ser vistas como um peso financeiro, e casá-las significa livrar-se de gastos. Da mesma forma, as jovens também são um bem econômico, já que o noivo deve pagar um dote (dinheiro ou presentes) a seus familiares.

Em terceiro lugar, em sociedades tradicionais como as do Iêmen, a prática pode ser encarada como uma forma de impedir que as garotas façam sexo antes do casamento, o que mancharia a reputação de toda a família. Por fim, muitas vezes as próprias jovens veem o casamento como sua única oportunidade, especialmente as que deixaram a escola muito cedo. (PÉCORÁ, 2011)

Relatórios como esse, e a própria manifestação das mulheres muçulmanas na Primavera Árabe, buscam que práticas como o casamento infantil sejam proibidas pela lei islâmica no Iêmen e seja estabelecida uma idade mínima - 17 ou 18 anos - para o matrimônio e, assim, diminuir a disparidade entre gêneros no país.

Segundo Karen Giffin, o conceito de gênero, no âmbito dos estudos da mulher, opera uma desconstrução das categorias “sexo feminino” e “sexo masculino”, que apontam a naturalização de aspectos sociais antes difundidos com os aspectos biológicos nas duas categorias (1994, p. 148). No artigo *Violência de Gênero, Sociedade e Saúde*, a socióloga analisa a construção social de gêneros, que precisa ser “liberada” de suas diferentes biológicas, principalmente as genitais.

Anunciando que “o privado é político”, as relações sexuais/de gênero são enfocadas como um campo de luta estruturado, fundamentalmente, pelas recorrentes diferenças de poder entre homens e mulheres

Na medida em que a família é identificada como a principal instituição social que organiza as relações sexuais entre os gêneros, o controle social é visto como atuando diretamente sobre o corpo das mulheres, cuja identidade principal é a de mãe, e cuja sexualidade é socialmente aceita somente na reprodução de filhos legítimos. (GIFFIN, 1994, p. 150)

A autora destaca que o processo de formação da identidade de gênero se dá em um mundo também estruturado por gênero e sugere maneiras como esta estrutura reproduz as diferenças agudas de identidades masculina e feminina. “Uma das teorias mais influentes deste processo é elaborada por Chodorow (1978), que argumenta que as meninas desenvolvem sua identidade de gênero no contexto da identificação com a mãe, numa relação continuada com ela” (GIFFIN, 1994, p. 152). Os meninos, por sua vez, devem ser afastados das mães e das qualidades femininas - “sentimentos de necessidade, emocionalidade e dependência” - para estabelecerem sua

identidade masculina - “razão e controle” - e, dessa forma, manter sua diferença/superioridade em relação às mulheres (Ibidem, p. 153).

Segundo Giffin, enquanto as mulheres negam e reprimem seu interesse pelo sexo, o estupro e a pornografia são “exemplos claros e frequentes de como a violência sexual objetifica e denegre as mulheres” (1994, p. 153).

Quando o menino é forçado a negar suas semelhanças com a mãe, ocorre uma “diferenciação falsa”, na qual o outro, ao invés de reconhecido como um outro sujeito, é objetivado cognitivamente. A menina, por outro lado, se identifica com um outro (a mãe) desvalorizado. (...) Assim, a origem psicológica da dominação erótica pode ser encontrada na diferenciação unilateral, isto é, na separação destes impulsos e sua designação a homens (diferenciação) e mulheres (reconhecimento), respectivamente. (GIFFIN, 1994, p. 153)

Sendo assim, nas sociedades onde a definição do gênero feminino tradicionalmente é referida à esfera familiar e à maternidade - como ocorre em sociedades muçulmanas -, a referência fundamental da construção social do gênero masculino é sua atividade na esfera pública, o que faz dele o provedor e protetor da família; o “guardião” das mulheres da família. Enquanto nestas mesmas sociedades, atualmente, as mulheres se fazem presentes “na força de trabalho e no mundo público, a distribuição social da violência reflete a tradicional divisão dos espaços: o homem é vítima da violência na esfera pública, e a violência contra a mulher é perpetuada no âmbito doméstico, onde o agressor é, mais frequentemente, o próprio parceiro” (GIFFIN, 1994, p. 146). Vinte anos depois da publicação do artigo, as reflexões de Giffin sobre a relação de poder entre homens e mulheres ainda permanecem atuais.

2.2. Formas de violência contra as meninas

Agressão física, exploração do trabalho infantil, pedofilia, casamento infantil, prostituição infantil, mutilação genital feminina, agressão verbal, obstrução ao acesso à educação. São várias as formas de violência contra meninas que vemos em notícias na mídia e em relatórios sobre direitos humanos. Segundo a Agência da ONU para Refugiados (ACNUR), por exemplo, 60 milhões de meninas são violentadas sexualmente a caminho da escola todos os anos no mundo¹⁵. Outros números do anteriormente citado *Women’s Rights in the Middle East and*

¹⁵ "ONU: 60 milhões de meninas são vítimas de violência sexual no caminho para a escola todos os anos." *ONU Brasil*. 25/11/2013. Disponível em: <http://goo.gl/qT1ytq>. Acesso em: 10/07/2014.

*North Africa 2010*¹⁶, da organização não governamental Freedom House, mostram dados ainda mais graves: a mutilação genital é uma prática proibida no Egito desde 2008, mas as meninas ainda são submetidas ao procedimento por questões culturais. De acordo com a escritora e ativista egípcia Nawaal el-Saadawi, 90% das egípcias são mutiladas. Assim como no Iêmen, onde a lei permite que o guardião da mulher – pai, tio, avô ou outro familiar do gênero masculino - negocia seu contrato de casamento, e a maioria das iemenitas muito antes de completar a maioridade legal¹⁷, na Síria, algumas leis protegem as mulheres de certos tipos de agressões, mas retiram os mesmos direitos quando é alegado se tratar de “crime de honra”. Ao menos, foram encontrados dados mais satisfatórios sobre a lei na Tunísia, onde a violência doméstica é crime desde 1993 e os chamados “crimes de honra” podem ser punidos com prisão perpétua. Essas informações estão mais aprofundadas no relatório da Freedom House (2010), que não é o foco desta pesquisa.

Informações encontradas no estudo *Violence against women*, sexto capítulo do documento *The World's Women 2010*¹⁸ da ONU, mostram que a violência de gênero durante o ciclo de vida da mulher é uma manifestação de históricas relações de poder e desigualdade entre mulheres e homens, tanto no Ocidente quanto no Oriente. As estatísticas do relatório sobre violência, variáveis de 1995 a 2006, mostram que a porcentagem de mulheres ocidentais que sofrem algum tipo de violência (sem levar em conta se o perpetrador é conhecido ou não), pelo menos uma vez na vida, é de, por exemplo, 38% na Alemanha, 40% na Dinamarca e 50% na Austrália. Já em países onde a violência contra as mulheres - assim como as manifestações populares em defesa dos direitos delas - tem mais destaque na mídia internacional, como na Índia¹⁹ e no Egito²⁰, respectivamente, a porcentagem era de 23% e 37%. E na Turquia, entre 2000 e 2008, a porcentagem de mulheres que sofreu pelo menos uma vez “violência grave” do parceiro, era de

¹⁶ “Women's Rights in Middle East and North Africa.” *Freedom House*. 2010. Disponível em: <http://goo.gl/jrm8U3>. Acesso em: 10/07/2014.

¹⁷ Dados da ONU mostram que uma a cada três jovens mulheres entre 20-24 anos de idade casaram antes de completarem 18 anos. Um terço dessas moças casou com menos de 15 anos. Disponível em: <http://goo.gl/4Ph7RH>. Acesso em: 31/03/2014.

¹⁸ “The World's Women 2010: Trends and Statistics.” *ONU*. 2010. Disponível em: <http://goo.gl/5GNwVY>. Acesso em: 31/03/2014.

¹⁹ “Women still feel unsafe in India's rape capital.” *Reuters*. 08/09/2013. Disponível em: <http://goo.gl/jmjlqH>. Acesso em: 05/11/2014.

²⁰ “Contrarrevolução frustra avanço de mulheres no Egito, diz ativista”. *Último Segundo – IG*, 08/12/2011. Disponível em: <http://goo.gl/2oQPoN>. Acesso em: 10/07/2014.

18%, e de “violência moderada”, de 20%; o nível de gravidade sofrida pelas mulheres é bastante difícil de avaliar adequadamente.

Enquanto certas formas de violência física por si só podem não ser interpretadas como graves, causando-lhes repetidamente muitas vezes provoca danos significativos para a vítima. Por outro lado, a ocorrência ocasional ou até mesmo única de uma violência pode resultar em ferimentos graves. A maioria dos inquéritos estatísticos que tentam compreender a gravidade da violência aplicar uma classificação de diferentes atos de violência física que ferem a vítima e que possam beneficiar ainda mais estes como qualquer um "moderado" ou "grave" a violência. No entanto, outra abordagem - mais subjetiva - também é aplicada em algumas pesquisas e, essencialmente, solicita a avaliação da vítima da gravidade da violência. (ONU, 2010, p. 130)²¹

Por outro lado, a proporção de mulheres que sofreu algum tipo de violência física perpetrada pelo próprio parceiro, entre 1995 e 2006, foi de 29% na Alemanha, 21% na Dinamarca e 27% na Austrália. Já nos países orientais, foi de cerca de 20% na Índia, 36% no Egito e 41% na Turquia. Apesar de números altos em países ocidentais, é possível ver que a violência no Oriente se intensifica.

A violência é “perpetuada por práticas tradicionais e habituais que concedem status inferior às mulheres na família, no trabalho, na comunidade e na sociedade, e é agravada por pressões sociais” (ONU, 2010, p.127). Somadas às práticas tradicionais, a educação, ou melhor, a falta dela, acarreta a falta de informação das meninas e mulheres sobre seus direitos, bem como a ausência de aparatos legais para protegê-las:

Isso inclui a constante e, conseqüentemente, dificuldade de denunciar certos atos contra as mulheres; falta de acesso à informação jurídica, de auxílio ou proteção das mulheres; carência de leis que efetivamente proibam a violência contra as mulheres; esforços insuficientes por parte das autoridades públicas para promover a conscientização e fazer cumprir as leis existentes; e a ausência de meios pedagógicos, entre outros, para abordar as causas e conseqüências da violência. Imagens de violência contra as mulheres na mídia – especialmente aquelas que retratam o estupro, a escravidão sexual ou o uso de mulheres e meninas como objetos sexuais, incluindo a pornografia – são fatores que contribuem para a continuidade da prevalência de tal violência, influenciando

²¹ Tradução da autora. “*While certain forms of physical violence by themselves might not be interpreted as severe, inflicting them repeatedly often causes significant harm to the victim. On the other hand, occasional or even a one-time occurrence of violence may result in serious injury. Most statistical surveys attempting to grasp the severity of violence apply a classification of different physical violent acts that hurt the victim and further qualifying these as either “moderate” or “severe” violence. However, another – more subjective – approach is also applied in some surveys and essentially solicits the victim’s assessment of the severity of the violence.*”

negativamente a comunidade em geral, especialmente crianças e jovens. (ONU, 2010, p.127)²²

A lista de descaso das autoridades governamentais em criar e fazer serem aplicadas leis de proteção à mulher seria então uma forma indireta de violentar o gênero feminino – uma “violência simbólica”, como explicou Pierre Bourdieu a partir da descrição etnográfica da sociedade cabila (termo árabe para designar as tribos do norte da África) em *A dominação masculina*. Segundo o antropólogo, ao tomar o conceito de “simbólico”, em um dos seus sentidos mais correntes, “supõe-se, por vezes, que enfatizar a violência simbólica é minimizar o papel da violência física e (fazer) esquecer que há mulheres espancadas, violentadas, exploradas, ou, o que ainda é pior, tentar desculpar os homens por essa forma de violência” (1998, p. 46).

Ainda, Bourdieu afirma que instituições como a Família, o Estado e a Igreja são agentes colaboradores para a construção dessa violência simbólica, que não é um processo *a-histórico*, e sim um “produto de um trabalho incessante (e, como tal, histórico) de reprodução” (1998, p. 46) das práticas de violência. Não necessariamente, essa colaboração institucional se dá de forma voluntária ou de *boa vontade*, mas Bourdieu demonstra que há uma predisposição nos corpos para que a força da violência simbólica aja. Ou seja, é possível que a violência simbólica de gênero seja uma ação naturalizada nas pessoas.

A força simbólica é uma forma de poder que se exerce sobre os corpos, diretamente, e como que por magia, sem qualquer coação física; mas essa magia só atua com o apoio de predisposições colocadas, como molas propulsoras, na zona mais profunda dos corpos. (...) Os atos de conhecimento e de reconhecimento práticos da fronteira mágica entre os dominantes e os dominados, que a magia do poder simbólico desencadeia, e pelos quais os dominados contribuem, muitas vezes à sua revelia, ou até contra sua vontade, para sua própria dominação, aceitando tacitamente os limites impostos, assumem muitas vezes a forma de *emoções corporais* – vergonha, humilhação, timidez, ansiedade, culpa – ou de *paixões* e de *sentimentos* – amor, admiração, respeito –; emoções que se mostram ainda mais dolorosas, por vezes, por se traírem em manifestações visíveis, como o enrubescer, o gaguejar, o desajeitamento, o tremor, a cólera ou a raiva onipotente, e outras tantas maneiras de se submeter, mesmo de má vontade ou até *contra a vontade*, ao juízo

²² Tradução da autora. “*These include the surrounding and hence difficulty of denouncing certain acts against women; women's lack of access to legal information, aid or protection; a dearth of laws that effectively prohibit violence against women; inadequate efforts on the part of public authorities to promote awareness of and enforce existing laws; and the absence of educational and other means to address the causes and consequences of violence. Images in the media of violence against women – especially those that depict rape, sexual slavery or the use of women and girls as sex objects, including pornography – are factors contributing to the continued prevalence of such violence, adversely influencing the community at large, in particular children and young people.*”

dominante, ou outras tantas maneiras de vivenciar, não raro com conflito interno e clivagem do ego, a cumplicidade subterrânea que um corpo que se subtrai às diretivas da consciência e da vontade estabelece com as censuras inerentes às estruturas sociais. (BOURDIEU, 1998, p. 50-51)

Nesse trecho, o autor mostra como funciona a força simbólica entre dominadores e dominados: não é pela força física, mas por construções culturais que levam os dominados a se sentirem subjugados pelos seus dominadores – seja por vergonha, humilhação ou outras emoções negativas que impedem seus corpos (sendo assim, suas mentes) de reagir –, ou por superestimarem seus dominadores, nutrindo amor, admiração ou respeito pelos mesmos. Para Bourdieu, a dominação do gênero masculino sobre o feminino está tão intrínseca no inconsciente social de maneira que passaria despercebida.

Segundo Michel Foucault, em *A História da Sexualidade*, o termo de “poder” corre o risco de induzir a vários mal-entendidos: a respeito de sua identidade, forma e unidade (1988, p. 88). O poder em si não é as instituições ou os aparelhos do Estado, nem uma estrutura; e sim uma situação estratégica – e instável. O poder é onipresente e produz em toda relação. Sendo assim, as relações de poder são cadeias instáveis, uma vez que não existe um foco central.

Onipresença do poder: não porque tenha o privilégio de agrupar tudo sob sua invencível unidade, mas porque se produz a cada instante, em todos os pontos, ou melhor, em toda relação entre um ponto e outro. O poder está em toda parte; não porque englobe tudo e sim porque provém de todos os lugares. E “o” poder, no que tem de permanente, de repetitivo, de inerte, de auto-reprodutor, é apenas efeito de conjunto, esboçado a partir de todas essas mobilidades, encadeamento que se apoia em cada uma delas e, em troca, procura fixá-las. (FOUCAULT, 1988, p. 89)

Foucault propõe que as relações de poder são, ao mesmo tempo, intencionais e não subjetivas; e que não há poder que se exerça sem uma série de miras e objetivos (1988, p. 90). As relações de poder não são tão exteriores como outras relações, mas sua essência pode ser observada. No princípio, não há a oposição binária “dominado x dominador”: as relações se formam nos aparelhos de produção, famílias e grupos restritos, servindo de suporte para uma linha de força geral que conecta afrontamentos locais, atravessando o conjunto social. Formam-se, assim, relações de troca e convergência entre os afrontamentos locais. Assim, onde há poder, há resistência. As relações de poder não podem existir sem pontos de resistência, que representam o papel de adversário. As resistências são casos únicos, solitárias e planejadas, além

de distribuídas de modo irregular. É a codificação estratégica desses pontos de resistência que torna possível a revolução.

Esses pontos de resistência estão presentes em toda a rede de poder. Portanto, não existe um lugar da grande Recusa – alma da revolta, foco de todas as rebeliões, lei pura do revolucionário. Mas sim de resistências, no plural, que são casos únicos: possíveis, necessárias, improváveis, espontâneas, selvagens, solitárias, planejadas, arrastadas, violentas, irreconciliáveis, prontas ao compromisso, interessadas ou fadadas ao sacrifício; por definição, não podem existir a não ser no campo estratégico das relações de poder. (FOUCAULT, 1988, p. 91)

Da mesma forma, Bourdieu acredita que, só uma ação política que considere todos os efeitos de dominação exercidos por meio da cumplicidade objetiva entre as estruturas incorporadas (tanto entre as mulheres quanto entre os homens) e as estruturas de grandes instituições em que se realizam e se produzem toda a ordem social – Estado e Escola, principalmente -, “poderá, a longo prazo, sem dúvida, e trabalhando com as contradições inerentes aos diferentes mecanismo ou instituições referidas, contribuir para o desaparecimento progressivo da dominação masculina” (BOURDIEU, 2002, p. 139). Sendo assim, casos como a atuação das mulheres nos movimentos da Primavera Árabe²³, a luta da jornalista Irshad Manji contra o extremismo islâmico e, talvez mais importante, o ativismo de Malala Yousafzai e de seu pai Ziauddin pelo acesso de todas as crianças à educação, são exemplos desses focos de resistência. São pontos que se dão de maneira única, muitas vezes solitária e espontânea, como descreve Foucault, mas que tornam possíveis as transformações sociais.

2.3. O domínio masculino

Nenhum tema é tão controverso quando a questão das mulheres na história da humanidade, sobre a da mulher muçulmana. No imaginário popular, elas oscilam entre dois opostos: são belas e sensuais, como nas *Mil e Uma Noites*, ou são oprimidas e submissas, escondidas sob véus, como surgem no noticiário da TV.²⁴

Em seu artigo *Tirando o véu do preconceito* (2010), a muçulmana e professora de História da Ásia Samira Adel Osman, critica a perspectiva estereotipada do Ocidente sobre as mulheres muçulmanas. Segundo ela, essa estigmatização tem dupla origem: “é imagem criada pelo

²³ "Apesar de papel em levantes, mulheres árabes ainda lutam por direitos." *Último Segundo* – iG. 08/12/2011. Disponível em: <http://goo.gl/9UY1x2>. Acesso em: 10/07/2014.

²⁴ OSMAN, Samira Adel. *Tirando o véu do preconceito*. In: Revista Aventuras na História, Julho de 2010.

Ocidente numa longa tradição do contato entre culturas diferentes, como também decorre da propagação dessa imagem por grupos radicais, como no Afeganistão, e de governos autocráticos, como o do Irã” (OSMAN, 2010). Assim, passam a ser debatidas diversas questões que colocam a mulher muçulmana, aos olhos ocidentais, como uma figura subalterna no Islã: a obrigatoriedade do uso do véu pelas mulheres em muitos países muçulmanos; violência doméstica; *apartheid* de gênero; mutilação genital feminina; infanticídio e apedrejamento. Como se as imposições do sistema social sobre o modo que as mulheres devem se comportar, falar e vestir, fosse um problema apenas das muçulmanas.

Sob o ponto de vista da socióloga e blogueira Marília Moschkovich, “o buraco é mais embaixo”. Em seu texto *Depilação é a burca brasileira*, Moschkovich conta uma experiência que teve durante uma viagem à Tunísia em 2005. Ela conheceu uma menina tunisiana que, apesar de na época nenhuma das duas saber, mudou sua vida. Em um calor de 40° na sombra, enquanto a (então, futura) socióloga estava de “saia (uns dois dedos acima do joelho pra não chocar geral entre outras consequências perigosas), blusinha de manguinhas e cabelo preso, ela [a moça tunisiana] estava de saia até o tornozelo, meias, tênis fechado, blusa de manga comprida” (data desconhecida). Em sua “ignorância antropológica” de uma ocidental “educada na liberdade”, ela questionou sua interlocutora sobre suas roupas. A resposta foi: “as roupas compridas aqui são a depilação de vocês”. Em outras palavras, esconder o corpo ou depilá-lo não são obrigatoriedades, mas as mulheres acabam fazendo por conta das condições de comportamento impostas pelas sociedades nas quais estão inseridas:

Depois desta lição de vida (e outras mais) na Tunísia, meu ponto de vista e minhas perspectivas e opiniões sobre depilação, véu, burca, dominação de gênero, estética e por aí vai, mudaram para sempre. A complexidade das relações que estabelecem um fenômeno social (como este sentimento de imprescindibilidade da depilação na sociedade brasileira) vai muito além de relações imediatistas de causa e consequência como somos levados a acreditar pelos meios de comunicação de massa. (MOSCHKOVICH, 2010)²⁵

Segundo Moschkovich (2010), a moça tunisiana poderia usar roupas curtas como as da brasileira, uma vez que não há lei no país que a proíba. “Mas se você usar, não consegue namorado, aí não consegue casar, aí é uma tristeza para você e para sua família” (2010), foi a

²⁵ “Depilação é a burca brasileira”. *Marília Moscou*. 27/10/2014 (publicado originalmente em 05/04/2010). Disponível em: <http://goo.gl/nvcTET>. Acesso em: 27/10/2014.

explicação dela. Da mesma forma, é como que uma mulher brasileira não que não depila a perna – principalmente em regiões litorâneas – ser vista como alguém que não se cuida. Ela pode deixar de praticar esse ato doloroso, mas deve arcar com as consequências, as críticas de outros membros de sua sociedade. Ou seja, os comportamentos condicionados às mulheres por um sistema social, são acompanhados por sanções àquelas que não os praticam.

Podemos observar outra construção social na história de Moschkovich: a necessidade da civilização ocidental de reafirmar sua superioridade sobre o resto do mundo e justificar sua dominação ideológica, como explica o escritor Edward W. Said (1935-2003) em *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. Segundo Said, mais que um nome geográfico, o Oriente seria uma invenção ocidental, um selo para marcar as civilizações a leste da Europa sob o signo do “outro”, do “exótico” e, até mesmo, do “inferior”:

Comecei com a suposição de que o Oriente não é um fato inerte da natureza. Ele não está meramente *ali*, assim como o próprio Ocidente tampouco está apenas *ali*. (...) como entidades geográficas e culturais – para não falar de entidades históricas –, tais lugares regiões, setores geográficos, como o “Oriente” e o “Ocidente”, são criados pelo homem. Assim, tanto quanto o próprio Ocidente, o Oriente é uma ideia que tem uma história e uma tradição de pensamento, um imaginário e um vocabulário que lhe deram realidade e presença no e para o Ocidente. As duas entidades geográficas, portanto, sustentam e, em certa medida, refletem uma à outra. (SAID, 2007, p. 31)

Segundo Said, o Orientalismo não é uma “visionária fantasia europeia” sobre o Oriente, e sim um corpo elaborado com teoria e prática, no qual tem sido feito um considerável investimento material há muitas gerações; dessa forma para criar um sistema de conhecimento, uma rede aceita para filtrar o Oriente na consciência ocidental (2007, p. 33). No âmbito da hegemonia ocidental, para o autor “suruiu um Oriente complexo, adequado para o estudo na academia, para a exibição no museu, para a reconstrução na repartição colonial, para a ilustração teórica em teses antropológicas” (2007, p. 35).

O Oriente que aparece no Orientalismo, portanto, é um sistema de representações estruturado por todo um conjunto de forças que introduziram o Oriente na erudição ocidental, na consciência ocidental e, mais tarde no império ocidental. Se essa definição do Orientalismo parece mais política, é simplesmente porque acho que ele foi o produto de certas forças e atividades políticas. O Orientalismo é uma escola de interpretação cujo material é por acaso o Oriente, suas civilizações, povos e localidades. (SAID, 2007, p. 276)

Por mais que seja a relevância desse ponto de vista, não se pode deixar engessar pela visão de que o Ocidente vê o Oriente exclusivamente como um local para exercer sua influência política, cultural e econômica. Se fosse assim, não haveria organizações internacionais como os Médicos Sem Fronteiras, a Comissão Internacional da Cruz Vermelha e as próprias agências das Nações Unidas, criadas com a proposta de levar missões e projetos para levar progresso social, saneamento básico, saúde e educação -, igualdade e ação socorrista para as regiões mais esquecidas e carentes da Ásia, assim como da África, América Latina e Leste Europeu. “Os séculos XIX e XX assistiram ao desenvolvimento da ideia de universalidade dos direitos humanos que inspira as organizações humanitárias a prestar ajuda a qualquer ser humano, sem distinção” (FERREIRA, 2010).

Em seu artigo *O humanitário no Brasil: entre o ideal universal e a cultura local*²⁶, a médica e antropóloga Jaqueline Ferreira declara que a assistência humanitária não é apenas uma doação dos ricos aos pobres, como vista em outros contextos históricos, mas um direito, uma exigência de equidade. “Enquanto a caridade aceita a ordem das coisas, o humanitário visa transformá-la, o que termina relacionando-o ao projeto político e social” (Ibidem, 2010).

Ainda assim, Said acredita que é preciso questionar se o que importa no Orientalismo são as ideias que dominam a massa material, ou o trabalho muito mais variado produzido por um número quase incontável de autores individuais? “Não há um óbvio perigo de distorção (precisamente do tipo a que o Orientalismo acadêmico sempre foi inclinado) se um nível demasiado específico de descrição for mantido sistematicamente?” (2007, p.36). A professora Samira Adel Osman acredita que há. Para ela, a distorção se construiu nas artes, na política, na mídia e em outros meios: a mulher muçulmana aparece, em geral, como dominável, submissa e exótica, desconsideradas, assim, as diferenças nacionais e culturais entre os países muçulmanos; enquanto isso, a mulher ocidental é caracterizada como “independente”, “dona do seu corpo”, que goza de plenos direitos civis. Em entrevista²⁷, Osman (2013) explica que é mais cômodo e fácil para a visão ocidental, na lógica racionalista e filha do Iluminismo, culpar a religião como fator de atraso, ignorância e violência. “A religião, na importância que tem para o mundo muçulmano, é inconcebível para o Ocidente onde há séculos a separação entre mundo religioso e

²⁶ Disponível em: <http://goo.gl/aXTnh4>. Acesso em: 27/10/2014.

²⁷ Entrevista feita em 13/01/2013, para uma reportagem da disciplina Jornal Laboratório, da Escola de Comunicação da UFRJ. Disponível em: <http://goo.gl/ItRSFj>. Acesso em: 23/10/2014.

mundano, poder temporal e espiritual, fé e razão foi concretizada”, declara. Para ela, em vez de seguir estigmatizando o Islã e os muçulmanos – o que reforça preconceitos e anula a diversidade cultural –, o Ocidente deveria repensar a si mesmo e suas concepções sobre o *status* da mulher em suas próprias nações.

Um exemplo claro disso é ação perpetrada pelo grupo ucraniano FEMEN, autoproclamado feminista, com corpos nus, segurando cartazes com palavras de ódio à moral e à crença muçulmana. O ato chamado de *Topless Jihad Day*²⁸ aconteceu em frente à uma mesquita em Berlim, na Alemanha, no dia 4 de abril de 2013. A ação recebeu duras críticas de diversos movimentos e blogueiras feministas, inclusive no Brasil, mas principalmente da página no Facebook *Muslim Women Against FEMEN*²⁹, criado logo após o ocorrido por 13 muçulmanas da Universidade de Birmingham, no Reino Unido. Este grupo respondeu com uma carta aberta à FEMEN publicada na página, a fim de denunciar “a Islamofobia e o Imperialismo presentes na campanha das representantes do grupo de loiras nuas”.

Entendemos que deve ser difícil para muitas de vocês, feministas brancas colonialistas, acreditar que as mulheres muçulmanas, assim como as demais não brancas, têm sua própria autonomia e podem lutar e falar por si mesmas. (...) Estamos fartas de escutar de parte de mulheres privilegiadas, a reprodução dos estereótipos sobre as mulheres muçulmanas, as mulheres não-brancas e as mulheres do hemisfério sul como submissas, passivas e indefesas, fadadas a necessidade do remédio do “progresso” do primeiro mundo ocidental. (...) Assim, da próxima vez que vocês decidirem tomar em suas mãos a cruzada pela libertação mundial das mulheres, lembrem-se que antes de existir o FEMEN, existiram, existem e existirão muitas mulheres em todo o mundo sonhando e lutando para obter sua própria emancipação.³⁰

É preciso levar em consideração que, apesar do ato ofensivo do FEMEN, o grupo de muçulmanas que escreveu a resposta é composto de mulheres privilegiadas e educadas, que tiveram acesso à universidade em um dos países mais desenvolvidos do mundo. Uma realidade muito distante da maioria das mulheres que vivem em países muçulmanos.

Seria um erro, se não uma afronta, culpar a religião em si, pela violência sofrida por muitas mulheres muçulmanas? Ou é possível desvincular a crença e criticar apenas o sistema por

²⁸ “*Dia da Guerra Santa dos Seios Nus*”, em tradução livre.

²⁹ “Mulheres Muçulmanas contra FEMEN”, em tradução livre. Disponível em: <http://goo.gl/0huxPE>. Acesso em: 16/11/2014.

³⁰ “Islamofobia não é feminismo”. Disponível em: <http://goo.gl/YHvhQx>. Acesso em: 23/10/2014.

condicionar o comportamento das mulheres? A partir de uma reflexão sobre o Alcorão (ou Corão, livro sagrado dos muçulmanos) e da *Sunna* (ou *Suna*), a advogada marroquina muçulmana Aïcha El Hajjami busca “reduzir as distâncias entre os princípios de igualdade entre os sexos inscritos nas convenções internacionais e seu equivalente no Islã” (2008, p. 107). O artigo *A condição das mulheres no Islã: a questão da igualdade* baseia-se na leitura mais aberta dos textos sagrados para os muçulmanos. Assim como Manji (2004), El Hajjami ressalta a importância da *Ijtihad*, “um método de interpretação de textos sagrados, elaborado pelos *ulamâ* (os teólogos e os sábios) do Islã, e encorajado pelo próprio profeta durante sua vida”, que vai além da leitura literal dos textos sagrados, sem, no entanto, destituí-los de sua operacionalidade contemporânea e seu valor intrínseco. “É uma busca do sentido que tende a decifrar a intenção divina “*al maqâssid*”, que é a procura do bem comum, numa preocupação pelo equilíbrio e imparcialidade” (2008, p. 117).

El Hajjami pega como exemplo a realidade marroquina atual, na qual:

(...) o novo Código suprime a tutela matrimonial para as mulheres maiores de idade, fixa a mesma idade legal do casamento para os dois sexos (18 anos), coloca a família sob a responsabilidade conjunta dos esposos, instaura condições severas em relação à poligamia, que tornam seu uso quase impossível, e concede os direitos equivalentes aos dois cônjuges nos diferentes modos de dissolução do laço conjugal, sempre os submetendo ao controle do juiz. (EL HAJJAMI, 2008, p. 120)

Desta forma, a autora busca contra-argumentar “a representação constituída por estereótipos, esquematizações reducionistas e por confusões conceituais” que se têm da mulher muçulmana. As relações de desigualdade entre os sexos, segundo El Hajjami, são “remanescentes da mentalidade patriarcal e da organização tribal e escravagista” da época da revelação do Islã. Seria essa forma de pensamento antiga, então, a responsável: por relegar as mulheres ao *status* de mercadoria, como parte do patrimônio de seu marido e de seus herdeiros; pela poligamia, que não conhecia nenhuma restrição quanto ao número de esposas, o que dependia unicamente da fortuna e *status* social do homem; pelo casamento forçado; pela privação do direito à herança; e pela escravidão.

Irshad Manji propõe uma resposta para explicar a mentalidade patriarcal e tribalista presente em sociedades muçulmanas: “A igualdade não pode existir no deserto, não se quiser manter uma tribo intacta” (2004, p. 168). No deserto, o destino de cada indivíduo pertence à tribo, não a ele mesmo; a honra não é só dele, sair da linha desonra toda a família e, muitas vezes, a tribo inteira.

Numa tribo árabe, os membros mais humildes têm de jurar obediência cega ao xeque. O senso de identidade, quando não a segurança, depende da conformidade. Talvez seja por isso que o conflito Palestina-Israel, uma guerra regional segundo qualquer parâmetro racional, transformou-se na prova dos nove da unidade muçulmana no mundo inteiro. Uma avaliação séria dos fatos não é só irrelevante, é desaconselhável. Ficar do lado certo, em deferência pelos laços tribais, é a única coisa que importa. (MANJI, 2004, p. 168)

Manji questiona se a mentalidade do deserto seria, então, a responsável pelo conflito com judeus e cristãos, enquanto que, pela sua leitura, o Alcorão não só permite, como encoraja o amor por não-muçulmanos. Seguindo a mesma linha, a convergência do islamismo com a estrutura e os costumes tribais seria a causa da violência e da negação de direitos às mulheres: é uma sociedade dominada pelo homem, onde não há liberdade de expressão e a intimidação cria uma atmosfera pesada (2004, p. 169)

E talvez a personalidade do deserto do Islã seja o motivo pelo qual uma muçulmana do Paquistão pode ser estuprada à guisa de compensação para um clã desonrado, mesmo que a honra desse clã não tenha sido violada pela família dela, mas por alguém de fora. Como a mulher pertence à família, estuprá-la é uma vergonha para a família, fazendo da mulher um peão cômodo nas sangrentas rixas entre famílias.(MANJI, 2004, p. 169-170)

Nesse sentido, o raciocínio de Manji se torna uma das explicações mais palpáveis para tentar entender quem ou o que deve ser o alvo da luta pela defesa dos direitos das meninas. Uma das faces do dominador, neste caso de estudo específico, seria a dos grupos extremistas como o Talibã, que promovem ações de ódio e imposição do medo como o atentado à Malala Yousafzai. A jornalista Adriana Carranca, correspondente do jornal Estado de S. Paulo no Oriente Médio, descreve os talibãs como radicais a quem “não importa que os afegãos sejam as principais vítimas dos ataques da insurgência” (CARRANCA, 2011, p. 25).

Eles revelam a instabilidade do país, a falta de controle do governo e a incapacidade das forças estrangeiras de proteger os cidadãos; espalham o medo e a insegurança. E me ensinaram a primeira lição da guerra, algo que os afegãos já sabem há muito tempo: não importa onde você esteja ou quão tranquilo o ambiente lhe pareça, o perigo é sorrateiro, silencioso, inesperado. (CARRANCA, 2011, p. 25)

2.4. Meninas e sexo forçado

Em 2012, a primeira celebração do Dia Internacional das Meninas trouxe como tema de campanha mundial a busca pelo fim do casamento infantil. Segundo dados da ONU,

“globalmente, cerca de 1 em 3 (ou aproximadamente 70 milhões) de mulheres com idade entre 20 e 24 anos nos países em desenvolvimento (exceto a China) se casaram antes de seu 18º aniversário”³¹. Como plano de ação, a campanha das Nações Unidas conclamou aos governos, iniciativa privada e organizações da sociedade civil para metas como: aumentar a idade mínima de casamento das meninas para 18 anos; melhorar a igualdade de acesso ao ensino fundamental e médio; e ajudar meninas que já estão casadas fornecendo-lhes opções de estudo, serviços e informações sobre saúde sexual e reprodutiva, incluindo prevenção ao HIV, bem como habilidades para a vida e recursos contra a violência doméstica.

No segundo ano de vigência, 2013, a comemoração teve como foco a busca pelo acesso das meninas à educação, um fator essencial para alcançar melhores condições de vida e um dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio para 2015. Em pronunciamento oficial na Rádio ONU, em Nova York³², o secretário-geral da ONU, Ban Ki-Moon, defende novas soluções para os desafios da educação das garotas, assim como a necessidade de "ouvir a voz dos jovens". Em 2014, a proposta é “Empoderamento de Meninas Adolescentes: Acabar com o Ciclo de Violência”. O tema traz como base dados da Unicef, que estimam que, em todo o mundo, 70 milhões de meninas com idade entre 15 e 19 anos de idade já foram vítimas de alguma forma de violência física; e cerca de 20 milhões de meninas já foram forçadas a relações ou outros atos sexuais. “No entanto, 70% das vítimas nunca pediram ajuda ou sequer reconhecem as agressões sofridas como abuso ou problema”.³³

Por mais inspiradora e historicamente significativa que seja a Resolução 66/170 das Nações Unidas, o documento não mudou da noite para o dia a dura e violenta realidade de milhões de meninas ao redor do mundo. Também (ainda) não mudou o pensamento de “domínio do gênero masculino” que, como se vê no cotidiano e na mídia, predomina em grande parte da sociedade mundial. No dia 9 de setembro de 2013, a ONU Brasil divulgou dados urgentes sobre a disparidade educacional entre homens e mulheres no mundo: “ainda que o número de analfabetos tenha diminuído na última década em 150 países, 774 milhões de adultos – pessoas com mais de

³¹ “Declaração conjunta da Unicef, UNFPA e ONU Mulheres para o Dia Internacional das Meninas.” Disponível em: <http://goo.gl/5V3HR2>. Acesso em: 10/07/2014.

³² “Em Dia Internacional, ONU pede garantia do direito à educação de meninas.” Disponível em: <http://goo.gl/YjGw8s>. Acesso em: 10/07/2014.

³³ “Em Dia Internacional, ONU pede fim da violência contra as meninas.” Disponível em: <http://goo.gl/QG7ztZ>. Acesso em: 28/10/2014.

15 anos – continuam sem saber ler. Desse total, 64% são mulheres. Entre os 123 milhões de analfabetos de 15 a 24 anos, 76 milhões são do sexo feminino”, segundo dados da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco)³⁴. Informações mais recentes do Fundo da ONU para a Infância (Unicef) demonstram que milhões de meninas em todo o mundo também ainda são afetadas pelas práticas da mutilação genital feminina (MGF) – ou circuncisão feminina, que se constitui na retirada do clitóris e, em alguns casos, dos lábios vaginais – e do casamento infantil:

Mais de 130 milhões de meninas e mulheres sofreram algum tipo de mutilação genital feminina em 29 países da África e do Oriente Médio. Além disso, a prática do casamento infantil – muito comum nos mesmos países onde as mulheres sofrem com a MGF – afetou mais de 700 milhões de mulheres, que foram obrigadas a se casar quando eram crianças. Mais de 1 em cada 3 delas – cerca de 250 milhões de mulheres – se casaram antes dos 15 anos.³⁵

Esses dados assustadores encontram maior suporte e atenção na mídia quando ilustrados por histórias ou depoimentos das próprias vítimas dessas práticas. Poucas delas têm a chance de escapar de seus dominadores. Foi o caso da iemita Nada al-Ahdal, de 11 anos de idade, que fugiu da casa dos pais para não ser forçada a se casar tão jovem, em julho de 2013, como mostra o site de notícias Pragmatismo Político³⁶.

Em um vídeo divulgado no site *YouTube*³⁷ – visualizado mais de 8,9 milhões de vezes até 3 de agosto de 2014 –, Nada contou sua história e denunciou a situação pela qual milhões de meninas no Iêmen passam. “Eu consegui resolver meu problema ao fugir de casa, mas muitas meninas não conseguem. Elas podem morrer, cometer suicídio ou qualquer outra coisa que vier em mente. São apenas crianças, o que elas sabem? Não tiveram tempo de estudar”, declarou a jovem aos prantos, dando exemplos de esposas de parentes que morreram quase tão novas quanto ela após se casarem.

Hoje, Nada mora com um tio, irmão de sua mãe, e leva à frente seus estudos. Como ela mesma afirma, sua história é uma exceção entre tantas outras histórias de meninas que são

³⁴ “Unesco: Analfabetismo cai, mas mulheres ainda têm menos acesso à educação.” Disponível em: <http://goo.gl/0HIDzG>. Acesso em: 10/07/2014.

³⁵ “Unicef: É necessário acabar com mutilação genital feminina e casamento de crianças.” Disponível em: <http://goo.gl/Xr4EyB>. Acesso em: 22/07/2014.

³⁶ “Menina de 11 anos conta como fugiu de casamento forçado.” *Pragmatismo Político*. 12/09/2013. Disponível em: <http://goo.gl/liWkmE>. Acesso em: 10/07/2014.

³⁷ Legendas em inglês. “11-Year-Old Yemeni Girl Nada Al-Ahdal Flees Home to Avoid Forced Marriage: I’d Rather Kill Myself.” Disponível em: <http://goo.gl/0xCjW8>. Acesso em: 27/07/2014.

forçadas por suas próprias famílias a deixar a infância de lado. Muitas nem chegam a realmente crescer. Foi o caso de outra iemita chamada Rawan, de oito anos de idade, vendida pelo padrasto por uma quantia equivalente a R\$ 6 mil a um saudita de 40 anos³⁸. A criança morreu no dia 7 de setembro de 2013, após a lua de mel. Segundo os médicos, a causa teria sido ferimentos no útero.

De acordo com a socióloga Tatiana Savoia Landini, desde a primeira década do século XXI, a violência sexual contra crianças e adolescentes já recebia grande atenção da mídia brasileira, tanto a impressa, quanto a televisiva. Em seu artigo *Violência sexual contra crianças na mídia impressa: gênero e geração*, Landini mostra que, só no ano de 1992, por exemplo, o jornal Folha de S. Paulo publicou quase 120 matérias sobre prostituição infanto-juvenil no país. “Além da grande quantidade de matérias publicadas, o jornal denunciou o suposto número de meninas prostitutas em nosso país: em torno de 500 mil meninas” (2006, p. 227). De início, o retrato da situação feito pelo jornal provocou em muitas pessoas que não conheciam a realidade a tendência de achar que estava ocorrendo um crescimento da prática no país. “A impressão, muitas vezes, é que a sociedade brasileira teria começado, de forma repentina, a ter conhecimento da situação” (2006, p. 228). Landini também observou que, esse e outros tipos de violência, como o estupro e o incesto, já eram assuntos trabalhados pela imprensa pelo menos desde o início do século XX, mas vistos como problemas extraordinários, ocasionais.

Em primeiro lugar, é patente o crescimento no número de textos sobre violência sexual publicados pelo jornal (...).

Uma segunda mudança foi o aumento nos tipos de violência retratados. Ao longo do século, formas de violência não discutidas anteriormente entraram para o rol dos crimes noticiados recorrentemente pelo jornal, principalmente a pornografia infantil e a pedofilia. Além destas, passou a haver também um maior detalhamento, por exemplo, da prostituição infantil. Se, no início e no meio do século, a imprensa limitava-se a denunciar alguns casos de lenocínio ou prostituição, no final do período, fala-se em várias modalidades relacionadas à exploração sexual comercial (...).

Em terceiro lugar, nota-se uma maior profundidade na análise dos casos. O espaço destinado aos textos sobre violência sexual tornou-se maior. (...) Houve, também, continuidade no acompanhamento de vários casos, o que raramente acontecia no início do século. Nesse sentido, alguns casos são transformados em escândalos e sobre eles são publicadas notícias praticamente diárias.

Uma quarta diferença na forma de noticiar a violência é a própria linguagem utilizada. Nos primeiros três quartos do século são mais comuns (...) palavras mais ligadas à moralidade, ao que era socialmente aceitável ou inaceitável. A

³⁸ “Menina de 8 anos morre em lua de mel com marido de 40.” *Pragmatismo Político*. 10/09/2013. Disponível em: <http://goo.gl/qKrelc>. Acesso em: 10/07/2014.

partir da década de 1980, o noticiário sobre violência sexual passou a ser revestido pela linguagem científica e pelos dados quantitativos.

Por fim, uma quinta diferença diz respeito à forma como a mídia transmite ao leitor a possível frequência com que a violência sexual ocorre. Se no início do século as reportagens publicadas eram exclusivamente sobre casos específicos, esporádicos, a introdução de textos gerais sobre a temática da violência sexual transmite a mensagem de que os crimes sexuais são eventos comuns, cotidianos, e que havia uma subnotificação de sua ocorrência. (LANDINI, 2006, p. 247-249)

A impressão transmitida pelo jornal analisado, e pelo aumento das notícias sobre o tema, é que o Brasil estaria passando por um “período de barbarização, de aumento desmesurado da violência” (LANDINI, 2006, p. 249). Posteriormente, o público passou a entender que é a violência sexual ocorre regularmente e vitima grande parte das crianças e adolescentes brasileiros.

Sendo assim, o fato de questões como educação, saúde e bem-estar de meninas serem pautas cada vez mais recorrentes na mídia, como visto nas reportagens citadas, pode ser visto como um avanço na luta pelos direitos das mulheres e meninas.

3. MULHERES MUÇULMANAS E ATIVISMO

Mulheres queimando sutiãs. Mulheres com os seios expostos segurando cartazes e gritando em locais públicos. Mulheres que “odeiam” os homens. Mulheres que não querem ser mães nem formar famílias. Mulheres que colocam a profissão em primeiro lugar. Esses são os tipos de imagens geralmente associados às feministas.

Em entrevista dada em 2012, a escritora americana Camille Paglia diz que o feminismo iludiu as mulheres, fazendo-as acreditar que poderiam dar prioridade à carreira e deixar a família em segundo plano - até elas ficarem infelizes ao perceberem que é tarde demais para ser mãe. A autointitulada dissidente do movimento feminista americano critica a ditadura da mulher profissional na atualidade: “O feminismo deveria encorajar as escolhas e ser aberto a decisões individuais” (PAGLIA, 2012).

Desde o fim da década de 1960, há uma depreciação de quem quer ser mãe e mulher. Para mim, feminismo é a luta por oportunidades iguais para as mulheres. Ou seja: remover qualquer barreira que atrapalhe o avanço na educação superior e no mercado de trabalho. O feminismo deveria encorajar escolhas e ser aberto a decisões individuais. As feministas estavam erradas ao exaltar a mulher profissional como mais importante que a mulher mãe e esposa. Uma geração inteira de profissionais americanas adiou a maternidade e, quando finalmente decidiu engravidar, não conseguiu encontrar parceiro ou teve problemas de fertilidade. (PAGLIA, 2012)³⁹

Paglia reconhece que as mulheres ganharam muito com a emancipação feminina, principalmente, “a possibilidade de trabalhar fora e de ser financeiramente independente, sem a humilhante subordinação ao pai ou ao marido. As mulheres provaram que podem ser tão bem-sucedidas quanto os homens” (PAGLIA, 2012), Ainda assim, a escritora lembra que as mulheres são mais do que apenas profissionais, e muitas também querem se realizar como mães e esposas. O problema está na transição entre os ambientes:

Como uma mulher poderosa, acostumada a ter total controle no escritório, pode fazer a transição para a vida doméstica, em que o marido não quer ser tratado como empregado? Qual é o perfil ideal de parceiro para essa mulher? Um homem com uma postura quase de um filho: respeitador, subserviente, que obedece ternamente a cada ordem, ou um rival confiante e altamente sexual, que exige que ela abandone a postura dominadora? Essa tensa e delicada dança entre homem e mulher não pode ser atribuída, de maneira simplista, à misoginia (o

³⁹ “Camille Paglia: ‘O feminismo não é honesto com as mulheres.’” *Época*. 02/03/2012. Disponível em: <http://goo.gl/xdosG1>. Acesso em: 22/10/2014.

ódio contra as mulheres) ou ao machismo (uma forma exagerada de orgulho das características masculinas). A infelicidade que muitas mulheres sentem hoje resulta em parte da incerteza delas sobre quem são e sobre o que querem nesta sociedade materialista, voltada para o *status*, que espera que a mulher se comporte como homem e ainda seja capaz de amar como mulher. (PAGLIA, 2012)

Por outro lado, em entrevista dada em 2001 a jornalista Susan Faludi afirma, que o problema que as mulheres contemporâneas veem em sua situação é a desigualdade, e não a igualdade:

Aos entrevistadores, as mulheres modernas se queixam da desigualdade profissional, que veda ao sexo feminino os cargos mais altos e faz com ganhem até metade que um homem no mesmo emprego, e não de falta de um marido. Irritam-se com o fato de que os homens não passam mais tempo com as crianças ou dividem os trabalhos domésticos e não de ter que trabalhar para sustentar a família. Criticam o abandono financeiro e emocional dos filhos por parte dos ex-maridos e não o divórcio. (FALUDI, 2001)⁴⁰

A escritora Rebecca West (1892-1983), já dizia em 1913: “Eu mesma nunca cheguei a entender direito o que queria dizer feminismo: só sei que as pessoas me chamam de feminista toda vez que expresso sentimentos que me diferenciam de um capacho”. Seguindo essa visão, Faludi (2001) defende o movimento. “Toda vez que uma feminista observa padrões sociais e políticos que apontam para a desigualdade entre os sexos, (...) mesmo que todas as estatísticas estejam ao seu lado, é acusada de estar criando uma teoria da conspiração.” É o que teria acontecido com Faludi em relação ao seu livro *Backlash: o contra-ataque na guerra não declarada contra as mulheres*. Para Faludi, o feminismo teria se tornado numa espécie de “bode expiatório para a ansiedade masculina em torno da perda do poder aquisitivo”.

Para que, de passo em passo, não terminem como as mulheres do Afeganistão - que num tempo não muito distante do contra-ataque liderado pelos talibãs, podiam estudar, vestir-se à ocidental e trabalhar - Susan Faludi tem uma dica: manter os olhos bem abertos. “Não devemos assumir cada acontecimento como algo estritamente pessoal, e sim olhar para os padrões sociais e culturas maiores, que afetam as mulheres como um todo. E principalmente não sucumbir à tentação de aceitar sem questionar as prescrições sociais, sem ao menos tentar ver o que há por trás delas.” (FALUDI, 2001)

⁴⁰ “Quem tem medo de feminismo?” *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, p. 1 - 1, 27 out. 2001. Disponível em: <http://goo.gl/OMoAh9>. Acesso em: 22/10/2014.

Na mesma reportagem da entrevista com Faludi, Cristiane Costa (2001) aponta mudanças na vida das herdeiras do feminismo que tanto confirmam quanto contradizem pontos do discurso sobre os males da mulher moderna. Os riscos de infertilidade em mulheres de 30 a 34 anos, por exemplo, eram apenas 3% mais elevados que em mulheres na casa dos 20 anos - e vêm caindo com as novas técnicas de fertilização. Aliás, estudos sobre infertilidade mostram que as causas não estão ligadas apenas a fatores biológicos femininos. “Em média, 30% dos casos de infertilidade são devidos ao fator masculino, 30% ao fator feminino, 15 - 30% aos fatores mistos e 10% são de causas desconhecidas” (2014)⁴¹. Por outro lado, se a dificuldade de ter filhos é equilibrada entre ambos os gêneros, as mulheres passaram a ter mais responsabilidade econômica sobre a família. Segundo Costa (2001), entre 1978 e 1985, a quantia média paga por ex-maridos para sustentar os filhos caiu quase 25%. Treze anos depois, a mídia mostra cada vez mais casos de homens que não pagam pensão alimentícia dos filhos, o que é proibido pela lei brasileira e pode levar à prisão, a não ser que ele comprove que não pode pagar⁴². Para se ter uma ideia, em outubro de 2014, a Polícia Civil iniciou a operação “Pensão Alimentícia”, com pelo menos 800 mandados de prisão emitidos para cumprir até dezembro⁴³. É como afirma Susan Faludi (2001): “Historicamente, para cada grau avançado, as mulheres são obrigadas a enfrentar enormes pressões para dar dois passos atrás e renunciar suas conquistas”.

3.1. A história dos direitos das mulheres

Joana D’Arc, Isabel de Castela, Catarina de Aragão, Elizabeth Tudor, Cristina da Suécia, Jane Austen, as irmãs Brontë, Marie Curie, as sufragistas norte-americanas do National Women’s Party (NWP)⁴⁴. A história ocidental é marcada por mulheres que deixaram suas marcas na política, na cultura e nas ciências. Mas é recente a abertura para o gênero feminino em diversas áreas, como a educação. Eleita a melhor instituição de ensino superior do mundo em 2014⁴⁵, a

⁴¹ “Seis mitos sobre a fertilidade feminina.” *SRZD*. 17/10/2014. Disponível em: <http://goo.gl/iYRk8c>. Acesso em: 16/11/2014.

⁴² “Valor de pensão só diminui se provado que não há como pagar.” *Consultor Jurídico*. 07/02/2006. Disponível em: <http://goo.gl/ftxaYh>. Acesso em: 16/11/2014.

⁴³ “PC promove operação para prender quem está em falta com a pensão alimentícia, em Manaus.” *A Crítica*. 15/10/2014. Disponível em: <http://goo.gl/gRaE71>. Acesso em: 16/11/2014.

⁴⁴ “Partido Nacional das Mulheres”, em tradução livre. *Suffragist Memorial*. Disponível em: <http://goo.gl/Z1cIyq>. Acesso em: 16/11/2014.

⁴⁵ “As 20 melhores universidades do mundo em 2014.” *Exame*. 30/07/2014. Disponível em: <http://goo.gl/oMtouw>. Acesso em: 16/11/2014.

Universidade de Harvard (Massachusetts, Estados Unidos), só passou a aceitar a matrícula de 27 alunas em 1879, com a criação do Harvard Anex, posteriormente chamado Radcliffe College⁴⁶. Ainda, a política de igualdade de admissão para pós-graduandos homens e mulheres só foi instituída a partir de 1975. Apenas 20 anos antes, a escritora e ativista Helen Keller foi a primeira mulher a receber um diploma honorário de Harvard. Mesmo em pleno século XX, algumas instituições de ensino conceituadas passaram a aceitar a admissão de mulheres tardiamente. É o caso da advogada Daphne Dumont, primeira aluna mulher da Wadham College, na Universidade de Oxford (Inglaterra), em 1974⁴⁷.

Em contraponto, a educação universitária já era uma realidade entre as filhas das classes altas nas metrópoles de países muçulmanos dos anos 1960 e 1970. É o caso da afegã Fatema Gailani, “parte de uma reduzidíssima elite monarca, que apesar de religiosa, recebeu educação europeia” (CARRANCA, 2011, p. 38). Sua educação e envolvimento político foram incentivados pelo seu pai, o empresário Pir Sayyid Ahmed Gailani, fundador do Fronte Nacional Islâmico do Afeganistão. Fatema estudou nos anos 1970 no Liceu Malalai, uma escola somente para meninas; nessa época, as mulheres podiam trabalhar e estavam no Parlamento. Segundo Adriana Carranca, que narra a história da nobre em *O Afeganistão depois do Talibã*, fotografias daquele tempo mostram “Fatema e as amigas a caminho do colégio, de saia e sem véu, maquiagem e penteados típicos dos anos 1970” (CARRANCA, 2011, p. 45). Fatema também atuou como porta-voz dos interesses afegãos – e contra os talibãs - durante seu exílio nos Estados Unidos no período de 1987 (guerra contra a então União Soviética) a 2004. Hoje ela é presidente da Sociedade Crescente Vermelho no Afeganistão.

Filha de uma família muçulmana conservadora e de pequena nobreza no nordeste da Índia - onde é o Paquistão desde 1947 -, Bilquis Sheikh (1912-1997) também teve uma vida de privilégios aos modos ocidentais. Acostumada a passeios em Londres e Paris, ela tinha sido anfitriã de diplomatas e industriais de todo o mundo, até seu divórcio em 1961 (SHEIKH & SCHNEIDER, 2009, p. 20). Sua filha, Tooni, também era divorciada e era médica no Hospital da Sagrada Família, na cidade de Rawalpindi, nordeste do Paquistão. Nesses países, os divórcios são

⁴⁶ “Historical Facts.” *Harvard University*. Disponível em: <http://goo.gl/9gt1T5>. Acesso em: 16/11/2014.

⁴⁷ “How the first women broke the all-male mould.” 15/04/2014. *Oxford Mail*. Disponível em: <http://goo.gl/m4wmPd>. Acesso em: 16/11/2014.

raros, mas deste o século VII d.C., as noivas podem divorciar-se, receber dote de casamento e casar de novo (SZKLARZ, 2010, p. 31)⁴⁸.

Ao que tudo parece, foi na mesma época – anos 1960 e 1970 - que começou o movimento contrário em relação aos direitos das mulheres, tanto no Ocidente quanto no Oriente. Por um lado, as mulheres europeias e americanas começaram a se realizar profissional e academicamente, colocando em espera os papéis de mãe e esposa. Do outro lado do mundo, a insurgência de governos teocráticos e ditaduras obrigou as mulheres muçulmanas a se cobrirem com o véu – uma vestimenta que na época de Maomé era exclusiva das mulheres da elite – e a se fecharem cada vez mais dentro de seus lares. Imposições influenciadas pela cultura tribal do deserto (MANJI, 2004).

Como mostra o jornalista Eduardo Szklarz em seu artigo *Sob o véu* (2010), seria apressado concluir que o véu e o isolamento feminino resultam da religião islâmica. “Preconceito e violência contra a mulher existem em todas as culturas e religiões, inclusive no Brasil, e o credo não parece ser um fator determinante” (SZKLARZ, 2010, p. 30). Há pesquisadores que defendem que o *Alcorão* e a fundação do Islã melhorou a condição das mulheres no Oriente Médio em relação ao direito à propriedade, educação, casamento e divórcio, como visto nas teorias de El Hajjami (2008) e Osman (2010), no capítulo anterior. Ao mesmo tempo, essa corrente – ainda pouco difundida no meio acadêmico - busca contestar os estereótipos de que as mulheres muçulmanas seriam passivas e submissas.

3.2 A luta das muçulmanas

Em 18 de dezembro de 2010. A autoimolação de um vendedor de rua foi o estopim dos protestos na Tunísia, que levaram ao então presidente Ben Ali a renunciar depois de 23 anos no poder. O que seria apenas manifestações nacionais se transformou em uma onda de levantes contra ditadores em quase todos os países do Oriente Médio e do norte da África, movimento que ficou conhecido Primavera Árabe.

Ao contrário da maioria das manifestações que colocaram esses mesmos ditadores no poder décadas atrás, na Primavera Árabe, as mulheres saíram às ruas ao lado dos homens para

⁴⁸ “Sob o véu.” *Revista Aventuras na História*, jul. de 2010, p. 28-35.

exigir mudanças sociopolíticas em seus países⁴⁹. Na entrevista com Osman em 2013⁵⁰, a pesquisadora explica a luta das muçulmanas por seus direitos – inclusive educação - já é um processo em curso antes mesmo dos levantes de 2010 e 2011, e do reconhecimento da jovem ativista paquistanesa Malala Yousafzai. Representantes dessa luta, como a ex-primeira ministra do Paquistão, Benazir Bhutto (1987-2007), e a intelectual muçulmana marroquina Fatima Mernissi, “têm procurado romper a visão unilateral da condição da mulher no Islã” (OSMAN, 2013).

De acordo com o professor de Relações Internacionais Mahmood Monshipouri, haveria algumas divisões entre grupos de mulheres muçulmanas, com diferentes perspectivas sobre certas crenças religiosas e sobre o modo de vestir islâmico que, para muitas, se tornou um símbolo para a defesa da fé, da integridade familiar e da identidade islâmica. Em seu artigo *O Mundo Muçulmano em uma Era Global: A Proteção dos Direitos das Mulheres* (2004), Monshipouri declara que, “ao lidarem com problemas compartilhados, tais como a prevenção de violência doméstica e a discriminação por gênero, as mulheres muçulmanas mantêm contato com movimentos e organizações de mulheres por todo o mundo, e assim desenvolvem vínculos e identidades” (2004, p. 188). Apesar de diferentes opiniões sobre o véu e alguns costumes, a convergência de elementos comuns como a violência de gênero apontaria, então, para a existência de bases pragmáticas que possibilitariam a cooperação entre as feministas islâmicas e as seculares (MONSHIPOURI, 2004, p. 188).

Muitas mulheres muçulmanas se juntaram às islamistas para encontrar um lugar legítimo para sua identidade, sua presença social e seu ativismo político. No entanto, a chamada ameaça “fundamentalista” tem feito com que muitos grupos de feministas e de secularistas deem apoio ao governo, com a restrição de se manterem silentes quanto às violações de direitos humanos perpetradas pelo Estado (Ezzat, 2001, p. 250). (MONSHIPOURI, 2004, p. 198)

Ao verem a luta das mulheres muçulmanas por seus direitos, movimentos contrarrevolucionários⁵¹ tentam barrar seus avanços por meio de burocracia e impedimentos à participação de mulheres em cargos e conselho políticos. A ativista egípcia Asmaa Mahfouz, uma

⁴⁹ "Apesar de papel em levantes, mulheres árabes ainda lutam por direitos". *Último Segundo – iG*. 08/12/2011. Disponível em: <http://goo.gl/9UY1x2>. Acesso em: 10/07/2014.

⁵⁰ Entrevista feita em 13/01/2013, para uma reportagem da disciplina Jornal Laboratório, da Escola de Comunicação da UFRJ. Disponível em: <http://goo.gl/ItRSFj>. Acesso em: 23/10/2014.

⁵¹ "Contrarrevolução frustra avanço de mulheres no Egito, diz ativista". *Último Segundo – iG*, 08/12/2011. Disponível em: <http://goo.gl/2oQPoN>. Acesso em: 10/07/2014.

dos vencedores em 2011 do Prêmio Sakharov de Direitos Humanos, concedido pelo Parlamento Europeu, acrescenta outros fatores para o pouco avanço dos direitos das mulheres em seu país: a corrupção, o aumento da pobreza e do desemprego – principalmente entre a população feminina – e a fragmentação do movimento feminista – no caso do Egito, uma herança da esposa do ex-ditador Hosni Mubarak, Suzanne. “Ela baniu todas as associações progressistas feministas. As conquistas durante o regime de Mubarak não foram dadas, mas alcançadas por meio da luta das mulheres” (MAHFOUZ, 2011).

A ativista liberiana Leymah Gbowee reafirma que as mulheres não devem esperar salvadores, mas devem ser suas próprias heroínas. "Não esperem por Mandela, não esperem por Gandhi, não esperem por King. Vocês têm que ser seu próprio Mandela, seu próprio Gandhi, seu próprio King. Vocês conhecem suas questões, preocupações, prioridades, e são as melhores porque conhecem as soluções para seus problemas" (GBOWEE, 2011). Gbowee recebeu o Prêmio Nobel da Paz de 2011, ao lado da atual presidente da Libéria, Ellen Johnson Sirleaf, e da jornalista e ativista iemenita Tawakkul Karman⁵².

Para Manji (2004), uma das grandes barreiras no avanço das mulheres dentro do Oriente Médio é a ideia de elas seriam emblemas da “honra” de sua família. Uma vez que elas começam a questionar esse papel dentro da sociedade e passarem a ser vistas como seres humanos com dignidade, as próprias muçulmanas poderão reformar a maneira como o Islamismo é praticado (2004, p. 195):

À medida que as mulheres muçulmanas começarem a questionar, passam de emblemas da “honra” da família a seres humanos com dignidade. A “honra” exige o sacrifício de sua individualidade para manter a reputação, o *status* e as expectativas de seu marido, pai e irmãos. Mas questionar essa vida é afirmar que você não é propriedade comunal. Você é dona de si mesma, agindo em seu próprio nome, expressando seus próprios pensamentos e a beleza da coisa é que é exatamente isso que o profeta Maomé sempre quis para os muçulmanos - que transcendêssemos a tribo, com sua eterna preocupação consigo mesma e com seus impulsos que tornaram a Arábia do século XII uma terra devastada, uma terra de iniquidades, inimizade e violência. (MANJI, 2004, p. 195)

⁵² “Prêmio Nobel da Paz é dividido entre três mulheres.” *Último Segundo* - iG. 07/10/2011. Disponível em: <http://goo.gl/ONmMXe>. Acesso em: 29/10/2014.

4. ESTUDO DE CASO: PAQUISTÃO

Há centenas de ativistas pelos direitos humanos e assistentes sociais que não estão apenas falando pelos seus direitos, mas que estão lutando para alcançar a paz, educação e igualdade. Milhares de pessoas têm sido assassinadas por terroristas e milhões têm sido injustiçadas. Eu sou apenas uma delas. Então aqui estou, uma garota entre muitas. Eu falo não por mim mesma, mas por aqueles cujas vozes não podem ser ouvidas. Aqueles que têm lutado por seus direitos. Seu direito de viver em paz. Seu direito de serem tratados com dignidade. Seu direito de oportunidades iguais. Seu direito de serem educados.

(...) Queridas irmãs e irmãos, nós percebemos a importância da luz quando vemos a escuridão. Nós percebemos a importância da nossa voz quando somos silenciados. Do mesmo modo, quando nós estamos no Swat [Paquistão], nós percebemos a importância de canetas e livros quando vemos armas. O sábio ditado "a caneta é mais poderosa que a espada". Isso é verdade. Os extremistas têm medo de livros e canetas. O poder da educação os assusta. Eles têm medo de mulheres. O poder da voz das mulheres os assusta. (...) Eles acham que Deus é um ser pequeno e conservador que apontaria armas nas cabeças das pessoas só por irem à escola. Esses terroristas distorcem o nome do Islã para seu próprio benefício. O Paquistão é país pacífico e democrático.⁵³ (YOUSAFZAI, 2013)

O trecho acima foi retirado do discurso da ativista pela educação Malala Yousafzai na sede da Organização das Nações Unidas em Nova York (EUA), em 14 de julho de 2013⁵⁴. “Uma garota entre muitas”, como ela mesma diz. Ainda assim, ela é representante das outras meninas, uma porta-voz da luta pelos direitos das meninas – de todas as crianças e adolescentes, aliás – a ter acesso ao ensino escolar e, conseqüentemente, a buscar transformação social e qualidade de vida.

⁵³ Tradução da autora. “*There are hundreds of human rights activists and social workers who are not only speaking for their rights, but who are struggling to achieve their goal of peace, education and equality. Thousands of people have been killed by the terrorists and millions have been injured. I am just one of them. So here I stand, one girl among many. I speak not for myself, but so those without a voice can be heard. Those who have fought for their rights. Their right to live in peace. Their right to be treated with dignity. Their right to equality of opportunity. Their right to be educated. (...)*

Dear sisters and brothers, we realise the importance of light when we see darkness. We realise the importance of our voice when we are silenced. In the same way, when we were in Swat, the north of Pakistan, we realised the importance of pens and books when we saw the guns. The wise saying, “The pen is mightier than the sword.” It is true. The extremists are afraid of books and pens. The power of education frightens them. They are afraid of women. The power of the voice of women frightens them. (...)

They think that God is a tiny, little conservative being who would point guns at people’s heads just for going to school. These terrorists are misusing the name of Islam for their own personal benefit. Pakistan is a peace-loving, democratic country.”

⁵⁴ “The full text: Malala Yousafzai delivers defiant riposte do Taliban militants with speech to the UN General Assembly”. *The Independent*. 12/07/2013. Disponível em: <http://goo.gl/mZLEPI>. Acesso em: 10/07/2014.

O objetivo deste capítulo é mostrar a vida da Malala Yousafzai, e os fatores que a transformaram em símbolo da defesa do direito das meninas à educação. Diferente do perfil de ativistas que quebram códigos de conduta sociais e buscam atenção por meio de ações controversas (que veremos no próximo capítulo), a jovem paquistanesa possui uma fé inabalável e um desejo de respeitar e fazer o bem a todas as pessoas, mesmo aos fundamentalistas islâmicos que atiraram nela. A história de Malala é contada com foco em quatro momentos-chave: a luta em defesa do ensino para todas as crianças em sua comunidade no Swat, Paquistão; o atentado contra sua vida pelo grupo Talibã; sua recuperação no hospital em Birmingham, Reino Unido, e o retorno aos estudos; e sua atuação em nível internacional como representante das meninas em parceria com a ONU e o reconhecimento que recebeu e vem recebendo, com destaque para o Prêmio Nobel da Paz 2014.

4.1. Meninas vivendo sob leis muçulmanas (ou, O Diário de Gul Makai)

Malala Yousafzai não é como as outras meninas vivendo sob o jugo das regras sociais do fundamentalismo fanático muçulmano. Ela nunca sofreu mutilação genital feminina; não foi obrigada a se casar ainda criança; não foi impedida de frequentar a escola - na verdade, é estimulada pela família a estudar; ela tem sua liberdade garantida pelos pais, ao contrário dos casos das meninas iemitas vistas no capítulo anterior. O pai de Malala, Ziauddin, lhe disse: “Malala será livre como um pássaro”. Ele protege sua liberdade para ela poder continuar sonhando. Então, por que ela se tornou símbolo, porta-voz da luta pelos direitos das meninas?

A visibilidade da ativista começou quando tinha apenas 11 anos, por meio de sua contribuição com um blog⁵⁵ para a BBC Urdu (site da emissora inglesa no Paquistão) entre janeiro e março de 2009, época em que o grupo ultrarradical muçulmano Talibã fechou 150 escolas para meninas e explodiu outras cinco na região em que Malala e sua família moravam. Em seu artigo *Os blogs e a multiplicação das vozes* (2008), o jornalista Raphael Perret explica essa busca de grandes empresas jornalísticas por incluir blogs entre seus canais de notícias:

Com o passar do tempo, os blogs ganharam audiência. Construíram entre si uma forte comunidade. Chegaram a furar jornais. (...)

A assimilação dos blogs pelos veículos de comunicação é compreensível. Afinal, a Internet deu forma outra dinâmica na produção, distribuição e consumo de notícias. A mídia tradicional está precisando se adaptar a uma nova era

⁵⁵ “Diary of a Pakistani schoolgirl”. Disponível em: <http://goo.gl/JWpZZW>. Acesso em: 21/09/2014.

comunicacional e, por isso, realiza experiências para explorar os conceitos e recursos trazidos pelo avanço tecnológico. (PERRET, 2008, p. 15)

Ainda, Perret ressalta os riscos aos quais os autores de blogs estão submetidos, uma vez que a rede de blogs, ou blogosfera, é formada por *webrings* - sistema de organização de sites por tema - que, eventualmente, se entrecruzam, e pode levar ao comprometimento de todas as páginas (p. 19). Foi o que aconteceu com a jornalista Alcinéa Cavalcante, do Amapá: em seu blog, ela foi uma das articuladoras do movimento “Xô, Sarney”, criado durante a campanha eleitoral de 2006 para impedir que o ex-presidente da República José Sarney (PMDB-AP) tomasse posse de cargos políticos. A ação foi um dos assuntos mais repercutidos pela blogosfera na época, e chegou a receber o prêmio “Repórteres sem Fronteiras”, para blogs que lutam pela liberdade de expressão, promovido pela agência alemã Deutsche Welle.

A repercussão do “Xô, Sarney” chegou a ser comentada publicamente pelo próprio senador, que ressaltava que o blog era mais lido que os jornais e “que por isso causava um ‘prejuízo maior’ à imagem dele” (CAVALCANTE, 2006). Além disso, a jornalista foi processada por Sarney e condenada pela Justiça a pagar dois milhões de reais de indenização⁵⁶. Por não ter bens em seu nome, mas apenas uma renda mensal de cinco mil reais de aposentadoria como professora, Cavalcante teve sua conta bancária bloqueada.

Quando um senador, ex-presidente da República, reconhece o alcance dos blogs, tem-se uma noção exata da dimensão que a blogosfera conseguiu atingir. Se o aumento de popularidade representa ao blog mais leitores, comentários e até fãs, também pode ser motivo de muita dor de cabeça. (PERRET, 2008, p. 19)

No caso da Malala, o blog poderia levar à retaliação do Talibã. Mas ao invés de dinheiro, ela teria que pagar com a própria vida. Assim, para proteger sua identidade a jovem usava o pseudônimo *Gul Makai* (farinha de milho, em urdu) na assinatura do blog, nome da heroína de um folclore paquistanês. Entre seus depoimentos, transcritos e postados na página pelo correspondente da BBC Abdul Hai Kakar, Malala documentou a ansiedade que ela e suas amigas sentiram ao verem estudantes abandonarem os estudos por medo de serem alvos dos extremistas - de uma turma de 27 alunas, apenas 11 estavam indo às aulas em janeiro, e três das amigas da Malala mudaram de cidade com suas famílias. No blog, ela contou que outras meninas

⁵⁶ “Repórter condenada a pagar Sarney tem conta bloqueada”. Observatório da Imprensa. 21/05/2013. Disponível em: <http://goo.gl/wfWgNO>. Acesso em: 16/11/2014.

começaram a ir para escola com roupas comuns em vez de uniforme, de forma que não atraíssem atenção⁵⁷.

Eu estava me preparando para a escola e prestes a vestir meu uniforme quando me lembrei de que nossa diretora tinha nos dito para não usar uniformes – e ir para a escola vestindo roupas normais. Então eu decidi usar o meu vestido rosa favorito. Outras meninas na escola também usavam vestidos coloridos e a escola apresentou um aspecto acolhedor.

Minha amiga veio até mim e disse: 'pelo amor de Deus, me responda honestamente, nossa escola será atacada pelo Talibã? Durante a assembleia da manhã, foi-nos dito para não usar roupas coloridas já que o Talibã se oporia a isso.'⁵⁸ (YOUSAFZAI, 2009)

O blog se tornou um sucesso entre os leitores da BBC Urdu, tanto do Paquistão, quanto dos Emirados Árabes Unidos, Índia, Estados Unidos, Canadá e Reino Unido⁵⁹. A página foi encerrada quando situação no Vale do Swat ficou ainda mais crítica. Em maio do mesmo ano, o Exército paquistanês lançou a operação Caminho Verdadeiro, para expulsar o Talibã da região (YOUSAFZAI & LAMB, 2013, p. 185). Os conflitos diretos entre militares e talibãs fizeram numerosas vítimas⁶⁰ e os civis começaram a fugir do Swat. Apesar de sua resistência inicial, Ziauddin e Perkai acabaram decidindo sair da cidade de Mingora com a família, para se refugiarem em outros distritos da região (mais longínquos e menos afetados pelo controle e pela violência do Talibã) casas de parentes e amigos.

Apenas no fim de julho que a família de Malala retornou para casa. Várias residências e prédios da cidade foram bombardeados ou invadidos; inclusive a escola de meninas, fundada por seu pai, que havia sido utilizado por um grupo do Exército. Naquele 1º de agosto, as aulas retornaram. Com o fim do conflito que parecia ter expulsado o Talibã – ou pelos menos diminuído sua influência –, era grande o número de experiências e calamidades que Malala e suas

⁵⁷ “Profile: Malala Yousafzai.” Disponível em: <http://goo.gl/LIC3hm>. Acesso em: 19/10/2014.

⁵⁸ “Monday, 5 January: Do not wear colorful dresses.” Disponível em: <http://goo.gl/9QenU4>. Acesso em: 15/02/2014. Tradução da autora. “*I was getting ready for school and about to wear my uniform when I remembered that our principal had told us not to wear uniforms - and come to school wearing normal clothes instead. So I decided to wear my favorite pink dress. Other girls in school were also wearing colourful dresses and the school presented a homely look.*”

My friend came to me and said, 'for God's sake, answer me honestly, is our school going to be attacked by the Taleban?' During the morning assembly we were told not to wear colourful clothes as the Taleban would object to it.

⁵⁹ “Pakistani Heroine: How Malala Yousafzai Emerged from Anonymity.” Disponível em: <http://goo.gl/tPUL9r>. Acesso em: 19/10/2014.

⁶⁰ “Paquistão: Exército reconquista área talibã.” *Jornal do Brasil*. 24/05/2009. Disponível em: <http://goo.gl/r0CxPs>. Acesso em: 16/11/2014.

colegas tinham para compartilhar. Além disso, todas pareciam já saber que ela era a autora do diário, segundo ela narra em seu livro *Eu sou Malala*, escrito com a colaboração da jornalista Christina Lamb.

Todo mundo parecia saber que eu escrevera o diário para a BBC. Alguns pensavam que meu pai elaborara as postagens para mim, mas a sra. Maryan, nossa diretora, falou: “Não, Malala não é só boa oradora, é também boa escritora”. (YOUSAFZAI & LAMB, 2013, p. 203)

Àquela altura, Malala já era um ícone para as meninas da região. A notoriedade em âmbito nacional de seu pai como diretor de escolas e ativista pela educação, e o destaque de Malala como estudante e oradora – falando abertamente contra o Talibã, algo que muitos políticos não faziam – impediam que ela passasse despercebida, inclusive dos olhares vigilantes dos extremistas. Muito antes de o Talibã tentar assassiná-la, militantes do grupo já ameaçavam sua vida. Mas Malala não deixou se abalar. Em entrevista a uma emissora de televisão paquistanesa em 2011, a jovem afirmou: “Eu penso nisso sempre e imagino a cena claramente. Mesmo que eles [os talibãs] venham para me matar, eu os direi que o que estão tentando fazer é errado, que a educação é nosso direito básico”.

Quem além da Malala poderia ser ela a representante dos direitos das meninas? Suas iniciativas e destaque foram cruciais para que a mídia e o público internacionais tomassem consciência das condições em que vivem as meninas naquela região do mundo, como afirma a jornalista Adriana Carranca, correspondente especial do jornal *O Estado de S. Paulo* no Oriente Médio, em entrevista no dia 15 de janeiro de 2013:

Ela [Malala Yousafzai] é quem vive aquilo, ela que acha e sabe o que está errado. E tem algumas mulheres que gostam de usar o véu, que acham moda, que acham que as individualiza. É melhor que elas digam o que elas acham sempre do que a história ser contada pelo olhar estrangeiro. Como é que antes do blog a gente ia saber como vive uma menina no interior tribal do Paquistão? (CARRANCA, 2013a)⁶¹

De acordo com a jornalista, o ativismo da Malala, assim como os protestos contra o Talibã que sucederam o atentado contra a vida dela, são passos em um longo e burocrático processo de transformação social e legislativa que começou muito antes dessas manifestações. Na Primavera

⁶¹ A entrevista foi para reportagem “A luta das meninas”, produzida para a disciplina Jornal Laboratório da Escola de Comunicação da UFRJ. Disponível em: <http://goo.gl/ItRSFj>. Acesso em: 19/10/2014.

Árabe, em 2011, as mulheres mostraram ser parte do levante e das mudanças que varreram a região⁶², o que removeu os estereótipos sobre as mulheres muçulmanas para as lentes e microfones internacionais. No caso da Malala, ela trouxe “a conscientização de que as condições no país [Paquistão] não são boas e de que as meninas têm que estudar” (CARRANCA, 2013a).

Uma das condições, por exemplo, é a *swara*, costume entres os *pachtuns*, grupo etnolinguístico ao qual a Malala pertence (assim como os talibãs). A *swara* estabelece que uma menina pode ser dada em casamento como compensação para resolver disputas tribais. Apesar de ser oficialmente proibida, a prática ocorre até hoje na região – e a própria Malala narra um caso. Na aldeia em que Ziauddin nasceu, uma mulher viúva causou com um homem viúvo de um clã que tinha desavença com a família dela sem a permissão da mesma. Para resolver o conflito gerado pela união, foi feita uma *jirga*⁶³, na foi decidido que “a família do viúvo deveria ser punida, entregando sua moça mais bela para se casar com o homem menos aceitável do clã rival. O rapaz era um João-ninguém, tão pobre que o pai da moça teve que pagar todas as despesas” (YOUSAFZAI & LAMB, 2013, p.76-77).

Por que a vida de uma menina tem que ser arruinada para resolver uma desavença com a qual ela nada tem a ver?

Quando eu reclamava dessas questões, meu pai dizia que as coisas eram piores no Afeganistão. Um ano antes de eu nascer, o Talibã, liderado por um mulá [um título clérigo islâmico] caolho, havia dominado o país e incendiava as escolas de meninas (...) havia até mesmo proibido as mulheres de rir alto ou de usar sapatos brancos, pois essa é a cor do Profeta, e as prendia e espancava se usassem esmaltes nas unhas. (YOUSAFZAI & LAMB, 2013, p. 77)

Na reportagem *Malala's Forgotten Sisters*⁶⁴, Adriana Carranca narra o caso de Nazia, uma menina iemita dada em casamento aos cinco anos de idade, como compensação a um crime que o tio dela havia cometido. Os anciãos da aldeia concordaram com os homens de sua família de que ela era muito nova. O futuro marido teria que esperar – assim como Nazia. Segundo Carranca, a menina “tinha medo de ser bonita, o que implicaria ser desejada por aquele homem. Ela tinha medo de crescer. Seus pais conseguiram adiar o destino da filha – mas não por muito

⁶² "Apesar de papel em levantes, mulheres árabes ainda lutam por direitos". Disponível em: <http://goo.gl/bZi0yE>. Acesso em: 10/07/2014.

⁶³ Conselho formado pelos líderes religiosos e anciãos, em *pachtum*. O costume é uma herança das tribos arianas da Ásia Central. Pode levar dias ou meses, já que só se chega a uma decisão final se houver consenso. (CARRANCA, 2011. p. 42-43)

⁶⁴ “As Irmãs Esquecidas da Malala”, em tradução livre. *Foreign Policy*. 12/07/2013. Disponível em: <http://goo.gl/t5YIv5>. Acesso em: 21/09/ 2014.

tempo, certamente não depois dos 14 anos. A maioria das noivas crianças já está grávidas até lá” (CARRANCA, 2013b)⁶⁵.

A situação das meninas *swara* é agravada por serem vistas como o “inimigo” para a família desonrada, um símbolo de sua desgraça.

De acordo com a tradição, a compensação deveria terminar a disputa e trazer as duas famílias juntas em harmonia. Na prática, porém, o casamento só oferece cobertura para a vingança. As meninas *swara* se tornam alvos de raiva e ódio em sua nova casa. Elas são frequentemente espancadas, torturadas emocionalmente, e às vezes estupradas por outros homens da família. Elas são forçadas a sofrer por um crime que não cometeram. (CARRANCA, 2013b)⁶⁶

Dados levantados por Carranca mostram que, no Paquistão, 180 casos de *swara* foram denunciados em 2012, graças ao trabalho de jornalistas e ativistas locais. “Mas há centenas de casos não documentados. Em todo o mundo, estima-se 51 milhões de meninas com menos de 18 anos estejam casadas, de acordo com o *International Center for Research on Women (ICRW)*.”⁶⁷ E, ainda, estatísticas da Unicef mostram que 70% das meninas paquistanesas são casadas antes de chegarem à maior idade.

Os pais de Malala nunca permitiriam que sua filha se juntasse a essas estatísticas. Ainda assim, nem ela ficou isenta de receber críticas de parentes por, ao contrário de suas primas, usar roupas mais modernas e não esconder o rosto, mesmo quando chegou a puberdade:

Um dos meus primos, furioso, perguntou a meu pai: “Por que ela não está coberta?”. Ziauddin respondeu: “Ela é minha filha. Cuide dos seus problemas”. Mas parte da família pensava que as pessoas espalhariam boatos sobre nós, dizendo que não seguíamos devidamente o *pashtunwali*. Tenho orgulho de ser *pachtum*⁶⁸, mas às vezes penso que nosso código de conduta tem muito a dizer, sobretudo no que diz respeito ao tratamento dispensado às mulheres. (YOUSAFZAI & LAMB, 2013, p. 76)

⁶⁵ Tradução da autora. “*Nazia is afraid of being beautiful, for that implies being desired by that man. She is terrified of growing up. Her parents have been able to postpone their daughter's fate -- but not for much longer, certainly no later than age 14. Most child brides are pregnant by then.*”

⁶⁶ Tradução da autora. “*According to tradition, the compensation should end the dispute and bring the two warring families together in harmony. In practice, however, the marriage only provides cover for revenge. Swara girls become the targets of all anger and hatred in their new home. They are often bitten, emotionally tortured, and sometimes raped by other men in the family. They are made to suffer for a crime they did not commit.*”

⁶⁷ Tradução da autora. “*In Pakistan, at least 180 cases of swara were reported last year -- every other day -- thanks to the work of local journalists and activists. But there are hundreds, perhaps thousands, of undocumented cases. Worldwide, an estimated 51 million girls below age 18 are married, according to the International Center for Research on Women (ICRW).*”

⁶⁸ Grifo da autora.

Pode-se ver nesse trecho dois pontos de resistência conforme o pensamento de Foucault: a defesa de Yousafzai ao modo de se vestir da filha frente a cobrança do código de conduta; e o próprio questionamento de Malala sobre as regras estabelecidas dentro de seu grupo étnico.

No entanto, essa resistência não ocorre em um episódio narrado pela jornalista Irshad Manji, em *Minha briga com o Islã*, quando a figura do dominador passa a ser o seu próprio pai, a partir do uso da violência extrema:

Lembro-me de meu pai batendo em Tomasi, nosso empregado, com violência suficiente para deixar equimoses reluzentes em seus membros escuros como breu. Embora eu, minhas duas irmãs e minha mãe adorássemos Tomasi, também levaríamos socos se papai nos pegasse cuidando de seus machucados. Eu sabia que isso acontecia em muitas outras casas muçulmanas além da minha (...). (MANJI, 2004, p. 14).

As dificuldades de ter “um pai violento que praticava a religião só para inglês ver, e uma mãe que fazia o possível para ser religiosa, ao mesmo tempo em que lutava para sustentar a família trabalhando em turnos” (MANJI, 2004, p. 23), se somaram às dificuldades de ser uma menina muçulmana inserida numa sociedade ocidental moderna. Ao mesmo tempo em que buscava conhecer mais sobre a religião que seguia na madressa (“escola” das mesquitas para o aprendizado do Islã), Manji fazia diversos questionamentos – a partir daí que surge seu ponto de resistência – sobre a divisão entre os gêneros ao seu professor: por que as meninas precisam observar os ritos essenciais, como rezar cinco vezes ao dia, mais cedo que os meninos? Por que a “idade de prática obrigatória” das meninas é aos nove anos, enquanto os meninos só chegam a ela aos treze? E se as meninas amadurecem mais depressa que os meninos, por que não recompensá-las deixando-as dirigir a oração? A resposta do professor foi simples: “Leia o Alcorão” (MANJI, 2004, p. 22).

Tentei, embora fosse inútil, pois eu não sabia árabe. (...) A maioria dos muçulmanos não tem a menor ideia do que está dizendo ao recitar o Alcorão em árabe. Não é que somos obtusos, ao contrário. O árabe é uma das línguas mais melodiosas do mundo, e lições semanais na madressa simplesmente não eram suficientes para entendermos sua complexidade. (...) o estudo do árabe não chegava a ser prioridade da [minha] família. (MANJI, 2004, p. 22-23)

As histórias de Manji, de Nazia – narrada por Carranca –, e das iemitas Nujood Ali⁶⁹, Nada Al-Ahdal⁷⁰ e Rawan⁷¹ (contadas no segundo capítulo), mostram o jugo sob o qual vivem a maior

⁶⁹ “Casamento infantil dificulta situação de mulheres no Iêmen”. *Último Segundo* - iG, 08/12/2011. Disponível em: <http://goo.gl/qr2OiA>. Acesso em: 10/07/2014.

parte das meninas muçulmanas. Há poucas chances de resistência contra o sistema opressor e/ou a figura do dominador. O que torna a Malala diferente? Ela tem um “guardião”, uma figura paterna que zela por seus sonhos. Ziauddin Yousafzai é um homem educado, filho mais novo de um professor de teologia em uma faculdade federal chamado Rohul Amin. No entanto, assim como muitos *pachtuns*, o avô de Malala era um homem extremamente cauteloso com dinheiro. A família possuía uma pequena propriedade, mas Yousafzai enfrentou as condições mais adversas para conseguir estudar, algo que era proibido para suas irmãs. Na pequena escola onde estudou, muitas de suas aulas eram ministradas debaixo de uma árvore, no chão, e não havia banheiros. Por suas notas altas, conseguiu uma vaga para estudar inglês na Faculdade Jahanzeb, a melhor instituição de ensino no Vale do Swat, mas seu país não quis financiá-lo. Sua educação em Déli, na Índia, fora gratuita - “ele vivia em mesquistas (...) e os moradores locais forneciam comida e roupas aos estudantes” (YOUSAFZAI & LAMB, 2013, p. 51).

Foi a aversão à “frugalidade” de Rohul Amin que fez de Ziauddin Yousafzai “um homem muito generoso, tanto do ponto de vista material quanto em espírito” (Ibidem, p. 46).

Para Ziauddin, a falta de educação é a raiz de todos os problemas do Paquistão. A ignorância permite que os políticos enganem as pessoas e que maus administradores sejam reeleitos. Ele acredita que a escolarização deve ser acessível a todos, ricos e pobres, meninos e meninas. A escola que meu pai sonhava teria carteiras e uma biblioteca, computadores, cartazes educativos bem chamativos nas paredes e, o mais importante, banheiros. (YOUSAFZAI & LAMB, 2013, p. 50)

A mudança do sobrenome da família ocorreu na época em que Ziauddin participava de concursos de oratória para agradar o pai, e tirava sempre o primeiro lugar. Conseguiu vencer a gagueira e “transformar sua fraqueza em força”. Seu pai o chamava de “Ziauddin Shaheen” - palavra em *pachtum* para “falcão, ave que voa muito acima de todas as outras” -, e recomendou que mudasse seu nome. Durante um tempo, o pai de Malala acatou a sugestão, “porém mais tarde, removeu o nome, pois se deu conta de que, embora voe muito alto, o falcão é um pássaro cruel. Então passou a se chamar Ziauddin Yousafzai, o nome de nosso clã” (YOUSAFZAI & LAMB, 2013, p. 48).

O carácter e o pensamento singular (dentro da sociedade muçulmana) de Yousafzai também é pelo comprovado pelo modo como recebeu sua filha e primogênita ao mundo:

Para a maioria dos *pachtuns*, o dia em que nasce uma menina é considerado sombrio. O primo de meu pai, Jehan Sher Khan Yousafzai, foi um dos poucos a

⁷⁰ “Menina de 11 anos conta como fugiu de casamento forçado.” Disponível em: <http://goo.gl/liWkmE>. Acesso em: 10/07/2014.

⁷¹ “Menina de 8 anos morre em lua de mel com marido de 40.” Disponível em: <http://goo.gl/qKrelc>. Acesso em: 10/07/2014.

celebrar meu nascimento (...). Levou uma grande árvore genealógica que remontava até meu trisavô, e que mostrava apenas as linhas de descendência masculina. Meu pai, Ziauddin, é diferente da maior parte dos homens *pachtuns*. Pegou a árvore e riscou uma linha a partir do seu nome, no formato de um pirulito. Ao fim da linha escreveu “Malala”. (...) Comentou com as pessoas: “Sei que há algo diferente nessa criança”. (YOUSAFZAI & LAMB, 2013, p. 22)

A criação e o exemplo do pai ativista permitiu que Malala, ao contrário de muitas meninas no Afeganistão governado pelos talibãs e de outras partes do mundo, pudesse ir à escola. Ela lia grandes obras como *Ana Karenina*, de Tolstói, e os romances de Jane Austen, pois seu pai a permitiu que fosse “livre como um pássaro”.

Mas o Talibã estava logo ali, na esquina, e era *pachtum* como nós. Para mim, o vale era um lugar ensolarado. Não pude ver as nuvens se juntando atrás das montanhas. Meu pai costumava falar: “Vou proteger sua liberdade, Malala. Pode continuar sonhando”. (YOUSAFZAI & LAMB, 2013, p. 77)

4.2. A caneta é mais poderosa que a espada

O nome “Malala” é uma homenagem a Malalai de Maiwand (1861-1880), “a Joana d’Arc dos *pachtuns*” (YOUSAFZAI & LAMB, 2013, p. 22-23), jovem que inspirou o Exército afegão a derrotar o britânico na Segunda Guerra Anglo-Afegã, em 1880 - uma história que todas as crianças *pachtum* crescem ouvindo. A Malalai original era filha de um pastor da região de Maiwand. Quando tinha dezessete anos, seu pai e seu noivo se juntaram às forças que lutavam contra o fim da ocupação britânica; enquanto isso, Malalai foi para o campo ajudar as mulheres da aldeia a cuidar dos feridos e levar-lhes água. Ao ver que os afegãos estavam perdendo a luta, e que o porta-bandeira caiu, ela ergueu seu véu branco e marchou no campo, diante das tropas.

“Jovem amor!”, cantou. “Se você não perecer na batalha de Maiwand, por Deus, alguém o está poupando como sinal de vergonha.”

Malalai foi morta pelos britânicos, mas suas palavras e sua coragem inspiraram os homens a virar a batalha. Eles destruíram uma brigada inteira - uma das piores derrotas da história do Exército britânico. Os afegãos construíram no centro de Cabul um monumento à vitória de Maiwand. (YOUSAFZAI & LAMB, 2013, p. 23)

Atualmente, muitas escolas de meninas no Paquistão têm o nome de Malalai de Maiwand. Ainda assim, muitas paquistanesas não têm possibilidade de estudar. Seja por falta de oportunidade nas regiões onde vivem, ou porque são proibidas pelos extremistas.

Malala é uma das exceções. Ela não só pode ir à escola como também é filha de um educador, ela literalmente cresceu numa escola. A primeira instituição aberta por seu pai era

muito pequena, um curso primário misto. O nome do estabelecimento era uma homenagem a Khushal Khan Khattack, guerreiro poeta de Akora, no sul do Swat, que no século XVII tentou unificar as tribos *pachtuns* contra os mongóis - e um dos heróis de Ziauddin Yousafzai. E na parede do prédio ele desenhou o brasão com uma famosa citação de Khattack: “Cinjo minha espada em nome da honra afegã”. “Ele [Ziauddin] que nós nos inspirássemos em nossos grandes heróis, mas de um modo adequado a nossos tempos: com canetas, não com espadas.” (YOUSAFZAI & LAMB, 2013, p. 58) Mesmo com muitas dificuldades financeiras e burocracias do governo, o pai de Malala não desanimou. Ele se juntou à Associação de Escolas Particulares do Swat; em pouco tempo se tornou presidente da mesma, e a ampliou até ela abarcar quatrocentos diretores de escolas, o que deu poder aos mesmos para lutar contra a burocracia e imposição de propina de funcionários do governo. (YOUSAFZAI & LAMB, 2013, p. 59-60) Foi nessa mesma época - entre 1994 e 1995 - que Ziauddin se casou com sua esposa Pekai, a quem ele consultava para tudo.

“Ziauddin é um homem de família. Ele e a esposa são incomumente próximos”, contou-me Hidayatullah [então sócio do pai de Malala na escola]. “A maioria de nós não aguenta a esposa, mas Ziauddin não consegue viver sem a dele.” (YOUSAFZAI & LAMB, 2013, p. 62)

Parecia que a escola de Ziauddin e Hidayatullah estava destinada a não existir. Além das despesas para manter a escola, Yousafzai ainda precisava sustentar sua família. Malala nasceu no dia 12 de julho de 1997. “‘Malala foi uma menina de sorte’, diz Hidayatullah. ‘Quando ela nasceu, nossa sorte mudou.’” (YOUSAFZAI & LAMB, 2013, p. 64) Nos primeiros anos da vida de Malalan a situação ainda era apertada: eles moravam numa casa em cima da escola; depois de pagar o aluguel e os salários dos professores, sobrava pouco para a comida. “Mas depois de algum tempo o dinheiro começou a entrar e meu pai decidiu planejar uma segunda escola, que queria chamar de Academia de Educação Malala.” (Ibidem, p. 65)

Eu brincava no pátio da escola. Meu pai diz que mesmo antes de saber falar eu caminhava vacilante de aula adentro e me comportava como se fosse uma professora (...). Aos três ou quatro anos, fui colocada em turmas de crianças bem mais velhas. E ficava maravilhada ao ouvir todas as coisas que eram ensinadas. Às vezes eu imitava os gestos das professoras. Posso dizer que cresci numa escola. (YOUSAFZAI & LAMB, 2013, p. 65)

Aos sete anos de idade, Malala já era a primeira de sua classe. E assim como o pai, começou a participar de competições para oradores desde cedo. No início, como manda a

tradição deles, seu pai escrevia seus discursos. O primeiro que seu pai escreveu falava que se uma pessoa quisesse fazer uma coisa boa, mas escolher um modo ruim de executá-la, o resultado será ruim. Da mesma forma, se a pessoa escolher um método bom mas com um objetivo ruim, o resultado também será ruim (Ibidem, p. 87-88). O discurso de encerrava com as palavras de Abraham Lincoln: “É mais honroso errar do que enganar os outros”. Malala tirou o segundo lugar.

Não tinha importância. Lincoln também escreveu na carta ao professor de seu filho: “Ensine-lha a perder com galhardia”. Eu quase sempre era a primeira da classe. Mas percebi que, mesmo que você vença três ou quatro vezes, isso não significa que a próxima vitória será sua, a não ser com muito esforço. E às vezes é melhor você contar sua própria história. Comecei a escrever meus próprios discursos e mudei a forma de apresentá-los, fazendo-o de memória e não lendo num papel. (YOUSAFZAI & LAMB, 2013, p. 88)

À medida que a escola Kushal (agora com prédios separados para meninas e meninos) atraiu mais alunos e a condição da família Yousafzai melhorou, eles se mudaram para uma casa maior e passaram a ter uma televisão. O programa favorito de Malala era *Shaka Laka Boom*: um desenho animado indiano sobre um menino chamado Sanju que tinha um lápis mágico - tudo o que ele desenhava se tornava real. “Ele usava o lápis para ajudar as pessoas” (YOUSAFZAI & LAMB, 2013, p. 89). E Malala queria um lápis igual.

Um dia Malala tinha ido ajudar a mãe levando os restos de comida para o lixão próximo à casa, quando se deparou com uma realidade que, apesar das suas dificuldades financeiras anteriores, não estava acostumada: crianças sujas, com cabelos emaranhados e peles cheias de feridas. Elas andavam pelo local separando o lixo em montes - um de latas, um de tampas de garrafas, um de vidro e um de papel (Ibidem, p. 90).

Naquela noite, quando meu pai coltou da escola, contei sobre as crianças do lixão e implorei que voltasse lá comigo. Ele concordou. Tentou até conversar, mas elas fugiram. (...) No caminho de volta para casa, vi lágrimas caindo de seus olhos.

“Aba [pai], você precisa dar a eles vagas gratuitas na escola”, pedi. Ele riu. Minha mãe e eu já o havíamos convencido a das vagas gratuitas para várias meninas. (YOUSAFZAI & LAMB, 2013, p. 90)

O que Malala não sabia é que essas crianças venderiam o que coletassem para um entreposto de lixo, que então faria a revenda com um acréscimo para empresas que poderiam reutilizar os materiais. Como Ziauddin explicou, essas crianças, assim como muitas outras ao redor do mundo,

eram o amparo financeiro de suas famílias. Além do fato de dar bolsas de estudo a crianças pobres significar abrir mão de alunos pagantes, isso poderia fazer toda uma família passar fome.

Um relatório das Nações Unidas divulgado em 2013⁷² aponta uma diminuição global de 246 milhões de crianças que trabalham no ano de 2000 para 168 milhões. “No entanto, não é suficiente para alcançar meta da comunidade internacional de eliminar as piores formas de trabalho infantil até 2016” (ONU BRASIL, 2013). Outro estudo⁷³, de 2014, mostra que ainda 58 milhões de crianças fora da sala de aula no mundo, ao mesmo tempo em 250 milhões de crianças não sabem ler. “O mundo agora está passando por uma crise global de aprendizagem”, alertou o vice-secretário-geral da ONU, Jan Eliasson, em seu discurso de abertura na Primeira Iniciativa Global pela Educação, em Nova York (EUA), no dia 25 de setembro de 2014.

É uma triste realidade que Malala não conseguia tirar da cabeça. Ela continuava insistindo para que o pai desse vagas para as crianças do lixão na escola. Ziauddin encontrou, então, outra maneira de ajudá-las. Ele convenceu um amigo rico a financiar a produção de milhares de folheto para serem distribuídos na cidade e em reuniões locais, que diquestionavam: “Essas crianças não têm direito à educação?” (YOUSAFZAI & LAMB, 2013, p. 93). Nessa época, Ziauddin também ficou mais conhecido: escrevia poesias sobre temas controversos como assassinatos por honra e direitos da mulher, e criticava abertamente as “escolas-fantasma”: pessoas influentes em áreas remotas que recebiam dinheiro destinado à criação de escolas do governo que nunca viram nenhum aluno (Ibidem, p. 93-94). Yousafzai não é um líder de clã nem um homem rico, mas as pessoas passaram a respeitá-lo e ouvir o que ele tinha (e tem) para dizer. Além de significar menos tempo com a família, a visibilidade também começou a ser preocupante: amigos lhe disseram que o comandante militar local o chamava de “perigoso” em público. “Meu pai não entendia exatamente o que o militar queria dizer com isso, mas em nosso país, onde o Exército é tão poderoso, não pareceu coisa boa” (YOUSAFZAI & LAMB, 2013, p. 93).

No dia 8 de outubro de 2015, um terremoto atingiu a Ásia. O Vale do Swat situa-se numa falha geológica e por isso tremores acontecem com frequência, mas aquele foi diferente. Atingiu 7,6 pontos na Escala Richter e foi sentido em metrópoles como Cabul, no Afeganistão, e Déli, na

⁷² “Número de crianças que trabalham cai em um terço desde 2000, diz OIT.” *ONU Brasil*. 23/09/2013. Disponível em: <http://goo.gl/WNGR5C>. Acesso em: 02/11/2014.

⁷³ “‘Educação em primeiro lugar não é um slogan, mas uma prioridade’, diz ONU.” *ONU Brasil*. 25/09/2014. Disponível em: <http://goo.gl/EsJbqa>. Acesso em: 02/11/2014.

Índia. A cidade de Malala, Mingora, foi pouco atingida; apenas alguns edifícios desabaram. Mas a Caxemira e outras regiões do norte do Paquistão foram devastadas. Organizações internacionais estimaram que cerca de setenta e três mil pessoas morreram, mas autoridades falavam de oitenta mil vítimas. As autoridades tiveram dificuldades de chegar a lugares como Shangla, onde os parentes dos Yousafzai moravam, porque a maioria das estradas e pontes foram destruídas pelo terremoto, e os governos locais haviam perecido. Malala recorda ter ouvido na televisão um funcionário das Nações Unidas dizer que esse foi “o pior pesadelo logístico que a organização teve de enfrentar em sua história” (YOUSAFZAI & LAMB, 2013, p. 115). Poucos homens conseguiram chegar até aos locais mais remotos: apenas alguns funcionários de uma agência internacional de assistência humanitária de voluntários do *Tehrik-e-Nifaz-e-Shari-e-Mohammadi* (TNSM), ou Movimento pelo Comprimento da Lei Islâmica - grupo fundado por Sufi Mohammad, o mesmo responsável por enviar homens para lutar no Afeganistão.

Já tão infelizes com nossos políticos e ditadores militares, agora, para completar, tínhamos de lidar com um desastre natural. Mulás [clérigos] do TNSM começaram a pregar que o terremoto era um aviso de Deus. Se não melhorássemos nossas maneiras de cumprir os preceitos islâmicos nem introduzíssemos a *sharia*, gritavam eles em vozes estrondosas, estaríamos fadados a novos castigos. (YOUSAFZAI & LAMB, 2013, p. 118)

O *maulana* Sufi Mohammad estava preso desde 2002, mas ainda enviava comunicados da prisão. Quando o Talibã chegou ao Vale do Swat, cerca de dois anos após o terremoto, ele determinou que as mulheres não deviam estudar, nem mesmo nas *madrasas*: “Se alguém for capaz de dar um exemplo de que o Islã permite *madrasas* para mulheres, tem permissão para vir mijar em minha barba” (YOUSAFZAI & LAMB, 2013, p. 128). O líder talibã no Swat era o *maulana* (título de quem estudou em uma *madrasa*) Fazlullah⁷⁴, ex-aluno e genro de Mohammad.

No começo, Fazlullah se mostrou muito razoável. Apresentou-se como um reformador islâmico e bom intérprete do Corão. Minha mãe, muito devota, gostava dele, que usava o rádio [Mulá FM] para estimular o povo a adotar bons hábitos e abandonar as práticas que ele considerava ruins. Dizia que os homens deviam usar barba, parar de fumar e de marcar fumo. Afirmava que as pessoas deviam abandonar o uso de heroína e *chars*, que em nosso idioma significa haxixe. (YOUSAFZAI & LAMB, 2013, p. 122)

⁷⁴ “Maulana Fazlullah é escolhido o novo chefe do Talibã paquistanês.” *Veja*. 07/11/2013. Disponível em: <http://goo.gl/584Zs4>. Acesso em: 02/11/2014.

Mas então, a cultura do deserto começou a se impor, e novas ordens passaram a chegar ao povo do Swat: Fazlullah fechou salões de beleza e proibiu que os homens se barbeassem; proibiu as mulheres de ir ao mercado - o que revoltou a mãe de Malala, Perkai, e suas amigas -; e começou a controlar a *shura*, espécie de tribunal local (Ibidem, p. 129). Chegou ao ponto dos talibãs proibirem os agentes de saúde de administrarem gotas contra a poliomelite, “dizendo que as vacinas eram uma conspiração americana para esterilizar as muçulmanas e assim acabar com o Swat” (p.130).

As autoridades fingiam ignorar tudo isso. O governo provincial ainda estava nas mãos dos partidos mulás, e por isso não criticava ninguém que afirmasse lutar pelo Islã. A princípio pensamos estar seguros em Mingora, a maior cidade do Swat. Mas o quartel-general de Fazlullah ficava a poucos quilômetros, e, ainda que o Talibã não estivesse perto de nossa casa, estava nos mercados, nas ruas e nas colinas. O perigo começava a se tornar muito próximo. (YOUSAFZAI & LAMB, 2013, p. 131)

E não demorou muito para que as ameaças se voltassem para o diretor Ziauddin. Depois de passar um feriado religioso com parentes, a família Yousafzai voltou à escola, viu uma carta colada no portão: “A escola que o senhor dirige é de linha ocidental e infiel. O senhor educa garotas, e elas usam uniformes não islâmicos. Pare com isso, senão terá problemas, e seus filhos haverão de chorar e se lamentar por você” (Ibidem, p. 132).

Uma operação militar no fim de 2007 tentou, sem sucesso, eliminar o Talibã no Paquistão. “O Exército permaneceu no Swat e se fazia presente em toda a cidade, mas Fazlullah continuava transmitindo diariamente seus programas de rádio. Ao longo de 2008 a situação estava ainda pior do que antes dos bombardeios e dos assassinatos” (YOUSAFZAI & LAMB, 2013, p. 147). Muitas pessoas que não se comportavam segundo a *sharia*, ou que falavam contra o Talibã e a favor do Exército paquistanês, eram assassinadas e “os corpos eram despejados na praça à noite, para que todos os vissem na manhã seguinte, a caminho do trabalho” (Ibidem, p. 157). Ziauddin Yousafzai recebia e ignorava as ameaças - que na época ele não contara para a família -, mas continuava falando em público e dando entrevistas para a mídia. Em uma dessas entrevistas, ele exigiu que os militares agissem contra os talibãs e fossem atrás de seus comandantes. Depois disso disseram-lhe que o assessor de Fazlullah, *maulana* Shah Douran, o ameaçara pela rádio Mulá FM (YOUSAFZAI & LAMB, p. 160).

Na escola, Ziauddin organizou uma marcha pela paz e estimulou os alunos a falar contra o que estava acontecendo no Swat. Algumas das meninas, incluindo Malala, deram uma entrevista

à TV Khyber - único canal privado em *pachto* - sobre garotas que estavam abandonando a escola por causa dos talibãs. “Quando tínhamos onze e doze anos, falávamos juntas com a mídia, mas quando chegamos aos catorze e quinze anos, os irmãos e os pais de minhas amigas proibiram entrevistas por medo de represálias” (YOUSAFZAI & LAMB, 2013, p. 151). As meninas já tinham entrado na puberdade e, na visão de muitos muçulmanos, elas deviam observar a *pardah* - isto é, o uso do véu e a reclusão⁷⁵. Mas Malala continuou dando entrevistas, assim como seu pai. “Quanto mais entrevistas eu dava, mais forte me sentia e mais apoio recebia. Tinha apenas onze anos e parecia mais velha, e a mídia gostava de ouvir uma menina” (Ibidem, p. 151).

No fim daquele ano, no entanto, quatrocentas escolas haviam sido destruídas pelo Talibã. E então, Shah Douran, anunciou no rádio que todas as escolas femininas seriam fechadas - e a partir do dia 15 de janeiro de 2009 as meninas não poderiam mais estudar.

Naquele inverno nevou como sempre (...). Com o frio, os talibãs desapareceram nas montanhas, mas sabíamos que retornariam e não fazíamos ideia do que teríamos pela frente. Acreditávamos que a escola voltaria a funcionar. O Talibã podia tomar nossas canetas e nossos livros, mas não podia impedir nossas mentes de pensar. (YOUSAFZAI & LAMB, 2013, p. 156)

Em um desses dias sombrios, Ziauddin recebeu o telefonema de um amigo, Abdul Hai Kakar, correspondente da BBC Urdu, em Peshawar (centro administrativo do Território das Áreas Tribais do Paquistão). Ele procurava uma professora ou aluna que estivesse disposta a escrever um diário sobre sua vida durante o regime Talibã, para mostrar o lado humano da catástrofe que estavam vivendo no Swat. No início, Ayesha, irmã mais nova da professora de Malala, concordou, mas seu pai descobriu e a proibiu de fazê-lo, dizendo que era arriscado demais.

Quando eu ouvi meu pai falando a respeito, perguntei: Por que não eu?”. Eu queria que as pessoas soubessem o que estava acontecendo. Educação é direito nosso, eu dizia. (...) O Islã nos deu esse direito ao dizer que toda menina e todo menino devem ir à escola. No Corão está escrito que devemos buscar o conhecimento, estudar com afinco a aprender sobre os mistérios do nosso mundo. (YOUSAFZAI & LAMB, 2013, p. 164)

⁷⁵ “Fundamentalistas islâmicos (tradicionalistas) e neofundamentalistas (radicais) veem o ritmo e a qualidade da mudança social como grandes ameaças. Eles insistem que a educação para as mulheres • dissolveu os arranjos tradicionais de segregação espacial, de ética familiar e de papéis de gênero (MOGHADAM, 2003, p.139). Ambos os grupos fomentam a segregação dos sexos e prescrevem a adoção do *pardah* para as mulheres - isto é, do véu e da reclusão.” (MONSHIPOURI, 2004, p. 209)

Assim foi criado o Diário de uma Estudante Paquistanesa⁷⁶, com a primeira postagem publicada em 3 de janeiro de 2009. A manchete era: “Estou com medo”. Malala contou sobre um sonho terrível que havia tido na noite anterior, com helicópteros militares e os talibãs. Ela estava tendo sonhos parecidos desde o início das operações militares no Vale do Swat. Além da educação, Malala escreveu sobre as vestimentas femininas: sobre não poder usar seu uniforme azul-claro nem roupas comuns coloridas para ir para a escola durante essa época, para não chamar atenção; e sobre a burca, o famoso véu que cobre as mulheres das cabeças aos pés e só deixa uma abertura para os olhos. “Quando se é mais nova, acaba-se gostando da burca, uma roupa formal. Mas quando se é obrigada a usá-la, como o Talibã insistia, é muito diferente” (YOUSAFZAI & LAMB, 2013, p. 166). Além de tornar o andar mais difícil, as mulheres sofriam retaliações dos talibãs se a burca caísse, ou até mesmo poderiam ser confundidas com mulheres-bomba - uma vez que muitas extremistas suicidas estavam usando burcas para realizar os atentados.

Malala também contou no *Diário* o quanto estava com medo de ir para escola por conta do decreto do Talibã: um dia quando ela estava voltando da escola para sua casa, ouviu um homem atrás dela dizer “eu vou matar você”. Apressou o passo, e quando olhou para trás, viu que ele falava ao telefone - “decerto estaria conversando outra pessoa” (Ibidem, p. 166). As pessoas estavam começando a falar e elogiar o diário, inclusive suas colegas de escolas. “Eu queria dizer às pessoas que fora eu quem o escrevera, mas o correspondente da BBC nos alertara de não fazê-lo, pois poderia ser perigoso. Eu não entendia por quê, naquela época, pois era apenas uma criança - quem atacaria uma criança?” (Ibidem, p. 167).

A Escola Kushal foi fechada, num primeiro momento, entre 14 de janeiro e 9 de fevereiro. Nessa época, Malala passou a visitar o máximo possível de estações de rádio e televisão paquistanesas. Ela falava sobre a ironia do Talibã querer professoras e médicas para atender as mulheres, mas impedir que as meninas frequentassem a escola para se qualificar para essas atividades. “O Talibã é contra a educação porque pensa que quando uma criança lê livros ou aprende inglês ou estuda ciência ele ou ela vai se ocidentalizar” (Ibidem, p. 172). A mãe de Malala costumava pedir que ela escondesse o rosto quando falasse com a mídia, porque na sua idade ela deveria estar em *purdah* e temia pela segurança da filha. Mas nunca a proibiu de nada. Pessoas comentavam que o Talibã podia tentar matar seu pai, mas não a ela.

⁷⁶ Disponível em: <http://goo.gl/yVTZIy>. Acesso em: 02/11/2014.

No dia 22 de fevereiro de 2009, um “cessar-fogo permanente” foi anunciado pelo vice-governador da região. Dois dias depois, o porta-voz do Talibã afirmou que eles concordavam com um cessar-fogo indefinido (YOUSAFZAI & LAMB, 2013, p. 178) - e nesse ponto, o governo já havia soltado o *mulana* Sufi Mohammad, que voltou a comandar o Talibã no Swat, ao lado de seu genro Fazlullah. O grupo também permitiu que as meninas voltassem para a escola - o que as alunas de Ziauddin Yousafzai já haviam feito -, desde que elas usassem o véu e se cobrissem. “Nós dissemos ‘tudo bem, se é isso que vocês querem, desde que possamos viver nossas vidas’” (Ibidem, p. 179). Mas nem todos estavam satisfeitos com o acordo - com destaque para os aliados americanos. “Acho que o governo paquistanês está basicamente abdicando em favor do Talibã e dos extremistas”, teria declarado a então secretária de Estado Hillary Clinton. Mas o que o Swat precisava era de paz, independentemente de quem a fornecesse. Nesse caso, um militante extremista de barba branca. No início de março, Malala parou de escrever no blog; ela e Hai Kakar concordaram que não havia mais o que ser dito. “Mas, para o nosso horror, as coisas não mudaram muito depois do acordo, exceto que o Talibã tornou-se ainda mais selvagem.”

Na mesma época, um vídeo que se espalhou pela televisão paquistanesa e outros locais do mundo mostrava a cena chocante de uma adolescente sendo chicoteada pelos talibãs: ela estava de burca preta, calça vermelha e caída no chão, com o rosto virado para baixo, sendo açoitada à luz do dia por um homem de barba e turbante preto (YOUSAFZAI & LAMB, 2013, p. 180). A menina implorava aos gritos para pararem e que ela estava arrependida do que teria feito. Segundo a narrativa de Malala, seu carrasco só teria parado quando a burca escorregou, para endireitá-la, então teria continuado as chicotadas. Uma pequena multidão presenciou o acontecimento sem fazer nada, e um dos parentes da moça teria até se oferecido como voluntário para ajudar a mantê-la no chão. Segundo uma reportagem⁷⁷ da época, não se sabia ao certo de quando era o vídeo: alguns sites de notícias ingleses teriam afirmado que a cena aconteceu depois do cessar-fogo; o governo regional teria dito à agência AFP (Agência France-Press) que o acontecimento era de antes do acordo. Segundo o porta-voz do Talibã, o vídeo era de um ano antes. De uma forma ou de outra, causou uma comoção entre os habitantes do Swat. No dia 20 de

⁷⁷ “Vídeo mostra taliban paquistaneses a chicotearem adolescente.” *Público*. 03/04/2009. Disponível em: <http://goo.gl/U5qtEO>. Acesso em: 03/11/2014.

abril, Sufi Mohammad discursou em um grande ato público em Mingora. Descreveu os tribunais de justiça do Paquistão como não islâmicos, e disse que o Islã não permite democracia nem eleições. Não falou nada sobre educação. E logo se tornou claro que os norte-americanos estavam certos em sua avaliação sobre o acordo do governo com os talibãs.

As pessoas nos distritos meridionais do Paquistão ficaram muito preocupadas à medida que o Talibã avançava na direção da capital. Todos pareciam ter visto o vídeo do açoitamento da menina de burca preta e estavam perguntando: “É isso que queremos para o Paquistão?”. A milícia talibã assassinara Benazir [Bhutto], explodira o hotel mais famoso do país, matara milhares de pessoas em atentados suicidas e decapitações, destruíra centenas de escolas. O que mais seria necessário para que o Exército e o governo resistissem a eles? (YOUSAFZAI & LAM, 2013, p. 184)

Tendo aguardado até o último momento para tirar a família do Vale do Swat, No dia 5 de maio de 2009, Ziauddin mandou a esposa e os três filhos para ficar nas casas de parentes no interior do país. Enquanto isso, ele foi para a cidade de Peshawar com outros diretores de escola buscar respostas e soluções do governo para o problema talibã. O período de aproximadamente três meses entre a saída e retorno para casa da família Yousafzai está registrado no documentário *A Schoolgirls' Odyssey*⁷⁸, feito para o site do New York Times. Essa foi a primeira aparição de Malala em um meio de comunicação ocidental - uma vez que a verdadeira identidade por trás do blog de Gul Makai ainda não havia sido revelada. O objetivo da reportagem de Adam Ellick era mostrar o que estava acontecendo no Vale, e por isso marcou uma entrevista com Ziauddin, na qual Malala esteve presente.

A ideia original era seguir meu pai no último dia da escola. No final do encontro Irfan [intérprete do jornalista] me perguntou: “O que você faria se um dia não pudesse voltar ao vale e à escola?”. Respondi que isso não aconteceria. Mas ele insistiu, e comecei a soluçar. Penso que foi naquele momento que Ellick decidiu colocar o foco em mim. (YOUSAFZAI & LAMB, 2013, p. 169)

Malala e a família se tornaram PDIS - pessoas deslocadas internamente. Foram quatro pequenas cidades e aldeias diferentes em três meses, se hospedando na casa de familiares (YOUSAFZAI & LAMB, 2013, p. 188). Os irmãos de Malala, Kushal e Atal, precisaram deixar para trás suas galinhas de estimação, e ela, seus preciosos livros e cadernos escolares. Quase dois milhões de pachtuns deixaram o Vale do Swat; os que podiam, ficaram em casas de parente, mas grande

⁷⁸ *The New York Times*. 10/10/2009. Disponível em: <http://goo.gl/zEfltM>. Acesso em: 19/10/2014.

parte das pessoas ficou em acampamentos para refugiados - um êxodo de grande parte da população do país, organizado pelo próprio governo enquanto o Exército paquistanês intervia no Swat para expulsar o Talibã. “As pessoas abriram as portas de suas casas, escolas e mesquitas para os refugiados (...). Esse era um exemplo da surpreendente hospitalidade pachtum” (YOUSAFZAI & LAMB, 2013, p. 190). Foi na casa de parentes que Malala passou o 12º aniversário - do qual ninguém se lembrou, nem seu pai, de tão ocupado que estava. Foi diferente do aniversário de onze anos, que ela comemorou com as amigas e bexigas. “Fiz o mesmo pedido nas duas datas, mas dessa vez não houve bolo nem velinhas para assoprar. Mais uma vez pedi paz em nosso vale” (Ibidem, p. 195).

Em julho, o Exército estava por toda parte. No decorrer de uma semana, ocupou a cidade de Mingora. E a família Yousafzai soube que poderiam voltar para casa. Ziauddin os reencontrou em Peshawar e de lá foram para Islamabad, capital do país, onde aconteceria uma reunião com o embaixador Richard Holbrooke, enviado dos Estados Unidos para o Afeganistão e o Paquistão. Malala e o pai conseguiram entrar no local do encontro.

“Respeitável embaixador, peço-lhe o favor de ajudar as garotas do Paquistão a estudar”, falei.

Ele riu. “Vocês já tem um monte de problemas e estamos fazendo muito por seu país”, respondeu. “Garantimos bilhões de dólares em ajuda econômica; estamos trabalhando com seu governo para providenciar eletricidade, gás... Seu país tem mesmo um monte de problemas.” (YOUSAFZAI & LAMB, 2013, p. 194)

Não era a resposta esperada. O jornalista Adam Ellick registrou esses últimos momentos, presentes no documentário, até a volta para o lar e para a escola. Eles voltaram para Mingora no dia 24 de julho de 2009. A casa estava intacta, apenas as duas galinhas de Kushal e Atal haviam morrido de fome; mas os livros de Malala estavam lá. Quando foram verificar a escola, Ziauddin não conseguiu abrir a tranca com sua chave. Foi preciso que um menino da vizinhança pulasse o muro para abrir o portão por fora. Alguém esteve na escola: cadeiras viradas, paredes rabiscadas, tapetes para dormir nas salas, restos de animais comidos no pátio - o local havia sido utilizado como quartel-general por militares durante a ocupação da cidade. E uma carta pregada na parede acusava pessoas como o diretor da escola, Ziauddin, de permitir que o Talibã tomasse o controle do Swat: “Perdemos muitas vidas preciosas de soldados e isso se deve à negligência de vocês. Longa vida ao Exército paquistanês”.

“Típico”, disse ele [Ziauddin]. “Nós, o povo do Swat, fomos seduzidos pelo Talibã, depois mortos por eles e agora levamos a culpa. Seduzidos, mortos e culpados.”

Em alguns aspectos, o Exército não parecia muito diferente da milícia talibã. (...) Ouvimos que milhares de pessoas haviam sido presas, inclusive meninos de oito anos de idade doutrinados e treinados para executar missões suicidas. O Exército os enviava a um campo especial para *jihadis* [soldados da “guerra santa”], a fim de eliminar o extremismo deles. (YOUSAFZAI & LAMB, 2013, p. 202)

Três anos se passaram até outro acontecimento aterrorizante marcasse a vida de Malala novamente. Nesse ínterim, ela e o pai deram mais entrevistas, a verdadeira identidade de Gul Makai foi aos poucos descoberta e ela passou a ser reconhecida nacionalmente, principalmente através de prêmios e quantias em dinheiro, investidas em sua campanha pelos direitos das meninas (Ibidem, p. 225). Com destaque para o Prêmio Nacional da Paz, em 20 de dezembro de 2011, que recebeu das mãos do primeiro-ministro paquistanês.

No final daquele ano, eu tinha juntado um dinheirão - meio milhão de rupias de cada um: o primeiro-ministro, o ministro do Punjab, o ministro do nosso estado, Khyber Pakhtunkhwa, e o governo de Sindh. (...) Lembrei nossas aulas de história, quando aprendemos que um Exército recebe recompensas ao ganhar uma batalha. Comecei a ver os prêmios e o reconhecimento dessa maneira. Eram pequenas joias sem grande significado. Eu precisava me concentrar em ganhar a guerra. (YOUSAFZAI & LAMB, 2013, p. 237)

No dia 9 de outubro de 2012, Malala precisou enfrentar a maior batalha de todas: pela sua própria vida, e o Talibã mostrou que sim, pode fazer mal às crianças. Malala voltava da escola para casa, de repente, dois homens com lenços amarrados no rosto fizeram o ônibus parar de repente. Um deles perguntou “Quem é Malala?”. E antes que qualquer uma das alunas ou professoras presentes abrisse a boca, os olhares a entregaram e o homem disparou. Quatro tiros, três meninas: Malala Yousafzai, Shazia Ramzan e Kainat Riaz. Se tivesse tido a chance, Malala teria respondido a pergunta do talibã: “eu lhes teria explicado por que eles deviam nos deixar ir à escola - nós, suas irmãs e suas filhas” (YOUSAFZAI & LAMB, 2013, p. 254).

Assim que o motorista do ônibus percebeu o que havia acontecido, correu para o Hospital Central do Swat. Em questão de minutos, a notícia se espalhou por toda a cidade de Mingora até chegar à família da Malala. Em poucas horas, manchetes como *Taliban attack wounds teen*

*activist blogger*⁷⁹, *Menina blogueira baleada pelo Talebã recebe novas ameaças no Paquistão*⁸⁰, *Atentado contra paquistanesa desperta reações pelo mundo*⁸¹, *Malala, a menina que sonhava ir para a escola*⁸², *One-million-dollar bounty in Malala's attack*⁸³, *Pakistani Heroine: How Malala Yousafzai Emerged from Anonymity*⁸⁴ e *Passeata no Paquistão marca dia em homenagem à jovem ativista baleada*⁸⁵ estamparam as capas das agências de notícias.

O tiro atingiu Malala na cabeça e alojou-se em seu pescoço. Por conta de seu grave estado de saúde, ela foi transferida para o HMC de Peshwar, um hospital com instalações maiores e profissionais mais capacitados. Médicos estrangeiros trabalhando no país foram chamados para a cirurgia e retiraram a bala que a acertou. Depois Malala foi transferida para um hospital militar em Rawalpindi, o Instituto de Cardiologia das Forças Armadas. No dia 11 de outubro, quinta-feira, o chefe do Exército, general Kayani, junto com os cirurgiões que atenderam Malala, decidiram mandá-la para o exterior, a fim de receber melhor tratamento. Sua família foi levada uma semana depois.

O tiro atentado gerou grande entre a comunidade internacional. Malala recebeu apoio de personalidades importantes, como o secretário-geral da ONU, Ban Ki-Moon, o presidente Barack Obama e até celebridades como a cantora pop Madonna. Talvez nenhuma manifestação tenha sido tão significativa quanto a mobilização popular que aconteceu nas ruas de várias cidades do Paquistão, no dia 10 de outubro de 2012. Mulheres, homens e crianças participaram de passeatas e vigílias em todo país em prol da Malala, da educação das meninas e contra o Talibã.

Percebi que o Talibã, involuntariamente, tinha tornado minha campanha global. Enquanto eu estava deitada naquela cama, esperando dar os primeiros passos em um mundo novo, Gordon Brown, enviado especial da ONU para a educação (...) dera início a uma petição sob o slogan “Eu sou Malala”, para exigir que não fosse negada a escola a nenhuma criança a partir de 2015. Havia mensagens de chefes de Estado, ministros, astros de cinema e de uma neta de sir Olaf Caroe, o último governador britânico de nossa província. (...) Havia até uma mensgaem

⁷⁹ “Talibã ataca jovem blogueira ativista”, em tradução livre. *Amanpour / CNN*. 09/10/2012. Disponível em: <http://goo.gl/d4K3MT>. Acesso em: 20/08/2014.

⁸⁰ *BBC Brasil*. 10/10/2012. Disponível em: <http://goo.gl/SjRsJ5>. Acesso em: 10/07/2014.

⁸¹ *O Globo*. 10.10.2012. Disponível em: <http://goo.gl/48r2p9>. Acesso em: 20/08/2014.

⁸² *Estadão*. 14/10/2012. Disponível em: <http://goo.gl/DtFrIc>. Acesso em: 21/09/2014.

⁸³ “Recompensa de um milhão de dólares por atacante da Malala”, em tradução livre. *Amanpour / CNN*. 15/10/2012. Disponível em: <http://goo.gl/HtUAjH>. Acesso em: 20/08/2014.

⁸⁴ “Heroína paquistanesa: Como Malala Yousafzai emergiu no anonimato”, em tradução livre. *Time*. 23/10/2012. Disponível em: <http://goo.gl/OrSzeR>. Acesso em: 19/10/2014.

⁸⁵ *GI*. 10/11/2012. Disponível em: <http://goo.gl/6oZ45i>. Acesso em: 20/08/2014.

da minha triz favorita e ativista social, Angelina Jolie - eu mal podia esperar para contar a Moniba.

Na época não percebi que não voltaria para casa. (YOUSAFZAI & LAMB, 2013, p. 302)

4.3 Prêmios e holofotes: a luta pela educação continua

Malala Yousafzai e família moram em Birmingham, Inglaterra, desde outubro de 2012. A ativista ficou internada no hospital por três meses. Ziauddin Yousafzai recebeu um cargo na embaixada do Paquistão na Inglaterra, para que tivesse um salário e passaporte diplomático para manter a família no país sem precisar pedir asilo político (YOUSAFZAI & LAMB, 2013, p. 311).

As outras duas meninas feridas no ataque do Talibã, Shazia Ramzan e Kainat Riaz, se recuperaram mais rapidamente e voltaram para a Escola Kushal no dia 29 de novembro de 2012, como mostra a reportagem *The Other Girls on the Bus: How Malala's Classmates Are Carrying On*⁸⁶. Suas vidas também nunca mais foram as mesmas: elas não pegam mais o ônibus para ir para escola, apenas *riquixás*⁸⁷ motorizadas e escoltadas por policiais; guardas armados vigiam suas casas; e mesmo sendo no caminho da escola, elas nunca passam pelo local onde ocorreu o atentado. “Não, eu não quero ir lá. Nunca”, declarou Shazia à entrevista para a revista Time. Ainda assim, ambas continuam estudando e na luta pela educação que a Malala começou.

Desde 2012, a mídia passou a dar maior destaque a outras meninas ao redor do mundo que, assim como Malala, lutam pelo acesso de todas as crianças à educação e por transformações positivas em suas comunidades. A paquistanesa Hinna Khan, por exemplo, também recebeu ameaças do Talibã logo após o atentado contra Yousafzai⁸⁸. Sua família criou em 1999 uma organização que promove a educação de meninas, e, desde 2008, Hinna promove manifestações pela paz. “Duas semanas antes da tentativa de assassinato de Malala, alguém pintou uma cruz vermelha no portão da casa da família Khan na capital Islamabad, onde eles vivem desde que deixaram a região de Swat, em 2007” (2012). A família também recebeu ligações dizendo que a Hinna seria a próxima e que a família era culpada por ter esquecido “sua cultura”.

⁸⁶ “As Outras Meninas no Ônibus: Como Prosseguem as Colegas de Classe da Malala”, em tradução livre. *Time*. 19/12/2012. Disponível em: <http://goo.gl/Q65Lor>. Acesso em: 16/11/2014.

⁸⁷ Ou *ciclo-riquixá*. Transporte de três rodas parecido com uma carroça puxada por uma bicicleta.

⁸⁸ “Depois do ataque à Malala, outra ativista é ameaçada”. Revista Veja. 24.10.2012. Disponível em: <http://goo.gl/Shtm0b>. Acesso em: 10/07/2014.

Por outro lado, a repercussão sobre Malala foi o incentivo que faltava para outros ativistas levarem seus projetos à frente. É o caso do documentário *Girl Rising*⁸⁹, segundo um dos produtores, Justin Reeve, a ideia surgiu cerca de cinco anos antes do atentado. A equipe de produção visitou diversas comunidades empobrecidas em diferentes países para tentar entender as causas da miséria e pensar possíveis soluções. O longa-metragem é dividido em nove capítulos, cada um com a história de uma menina, como: Azmera, uma etíope que, aos 13 anos, se recusou a casar à força; Ruksana, uma menina que vivia nas ruas da Índia e cujo pai se sacrificou para garantir educação às filhas; e Wadley, uma haitiana de sete anos que, mesmo sendo rejeitada pelos professores, “volta à escola todos os dias para exigir seu direito de estudar” (2013)⁹⁰. “As outras protagonistas do documentário são Senna, uma poeta do Peru; Sokha, uma órfã do Cambódia; Suma, uma musicista do Nepal; Yasmin, uma pré-adolescente do Egito; Mariama, uma radialista de Serra Leoa; e Amina, que vive no Afeganistão.”

Em dezembro de 2013, mais de um ano após o atentado, o jornal britânico *The Guardian* publicou uma reportagem interativa especial sobre doze meninas, entre 14 e 19 anos, de diferentes partes do mundo que estão mudando a situação de suas comunidades a partir da educação⁹¹. Hannah Godefa, da Etiópia (hoje mora no Canadá); Shalu Shrivastava, da Índia; Thandiwe Diego, de Belize; Celeste Dushime, de Ruanda; Yara Hady, do Egito; Yaweta, da República do Malawi; Nafieza Mohammad, das Filipinas; Fatimata, de Serra Leoa; Menuka Gurung, do Nepal; Simon Abigail, da Nigéria; Ana Waqatabu Liganisulu, de Fiji; e Farkhonda Tahery, dos Afeganistão. Para esta última, seu momento de maior orgulho foi durante um programa de intercâmbio cultural, do qual ela e duas amigas participaram com três meninos, deslocados de Helmand. “Nós conversamos com eles sobre as mulheres no Islã e eles, que não aceitavam meninas como humanos antes, começaram a acreditar que as meninas devem ser educadas. Eles convenceram os pais a deixar suas irmãs estudarem” (TAHERY, 2013).

Recuperada e de volta aos estudos, Malala Yousafzai passou a participar de campanhas a nível internacional. Com destaque para “#StrongerThan”⁹², no qual ela incentiva as pessoas,

⁸⁹ “Ascensão da menina”, em tradução livre. Disponível em: <http://girlrising.com/>. Acesso em: 16/11/2014.

⁹⁰ “Documentário mostra como a escola mudou a vida de meninas em 9 países”. *GI*. 14/08/2013. Disponível em: <http://goo.gl/c3c1Wg>. Acesso em: 10/07/2014.

⁹¹ “The other Malalas: Girls activists in the developing world – interactive”. *The Guardian*. 12/12/2013. Disponível em: <http://goo.gl/rf35AA>. Acesso em: 10/07/2014.

⁹² “Mais forte que”, em tradução livre.

principalmente meninas, a contar suas próprias histórias com a *hashtag* #StrongerThan⁹³ nas redes sociais (Facebook, Twitter e Instagram), para serem publicadas em sua página oficial *I Am Malala*⁹⁴: “sobre o que você é mais forte? Mostre ao mundo”⁹⁵. O nome da campanha faz referência a um trecho de seu discurso na sede das Nações Unidas em Nova York, no seu décimo sexto aniversário, 12 de julho de 2013⁹⁶.

Os terroristas pensaram que mudariam meus objetivos e parar as minhas ambições. Mas nada mudou na minha vida, exceto esta: fraqueza, medo e desesperança morreram. Força, poder e coragem nasceram. Eu sou a mesma Malala. Minhas ambições são as mesmas. Minhas esperanças são as mesmas. E meus sonhos são os mesmos. (YOUSAFZAI, 2013)

Em 2014, Malala se juntou a outros ativistas e figuras públicas, como a primeira-dama norte-americana Michelle Obama, na campanha #BringBackOurGirls⁹⁷, como parte dos esforços para pressionar o grupo *jihadi* Boko Haram - ligado à rede terrorista al-Qaeda - a libertar mais de 200 meninas sequestradas na Nigéria em abril de 2014⁹⁸. Em sua página, Malala publicou um pronunciamento pedindo ajuda a ajuda das autoridades políticas para o resgate das nigerianas:

Seis meses após o sequestro de 273 meninas de uma escola da Nigéria pelo Boko Haram, devemos levantar as nossas vozes de novo e mais alto do que nunca de exigir que as mais de 200 meninas ainda em cativeiro sejam libertadas, reunidas com suas famílias, e recebam uma educação de qualidade e segurança. Eu clamo ao governo nigeriano e da comunidade internacional para voltar a dobrar seus esforços para trazer uma conclusão rápida e pacífica para esta crise. #BringBackOurGirls (YOUSAFZAI, 2014)⁹⁹

A própria Malala foi inspiração para uma campanha criada pelas norte-americanas Olivia Curl e Lena Shareef. As jovens começaram pedindo a familiares e amigos para tirarem fotos com

⁹³ “WATCH: Malala, the Girl Who is #StrongerThan Fear. She is Not Alone.” *I Am Malala*. 08/07/2014. Disponível em: <http://goo.gl/69F0AD>. Acesso em: 17/11/2014.

⁹⁴ Disponível em: <http://community.malala.org/>.

⁹⁵ Tradução da autora. “What are you stronger than? Show it to the world.”

⁹⁶ “Malala Yousafzai speech in full”. *BBC News*. 12/07/2013. Disponível em: <http://goo.gl/SiFchJ>. Acesso em: 10/07/2014.

⁹⁷ “Traga de volta nossas meninas”, em tradução livre.

⁹⁸ “234 Female Students Went Missing in Nigeria, and the Media Has Barely Covered It.” *Policy Mic*. 23/04/2014. Disponível em: <http://goo.gl/btH4a8>. Acesso em: 24/10/2014.

⁹⁹ Tradução da autora. “Six months after the Boko Haram kidnapping of 273 Nigerian school girls, we must raise our voices again and louder than ever to demand that the more than 200 girls still in captivity be freed, reunited with their families, and receive a quality and safe education. I urge the Nigerian government and the international community to re-double their efforts to bring a quick and peaceful conclusion to this crisis. #BringBackOurGirls”

um livro e a hashtag #GirlWithABook¹⁰⁰. O projeto se tornou viral nas redes sociais e elas conseguiram juntar 500 imagens, incluindo uma do secretário-geral da ONU Ban Ki Moon. As fotos foram publicadas em um livro e, segundo Curl e Shareef, toda a renda arrecadada será revertida para construir uma biblioteca no Paquistão.

O reconhecimento pela luta da Malala fez com que ela fosse além e proporcionou diversas premiações e honrarias internacionais após o atentado, com destaque para: o Prêmio Sakharov¹⁰¹ de Direitos Humanos, do Parlamento Europeu; o Prêmio Embaixador da Consciência¹⁰², da Anistia Internacional; Prêmio da Paz Internacional da Criança¹⁰³, concedido pela Fundação KidsRights, dos Países Baixos. Yousafzai também foi a pessoa mais jovem a ser indicada ao Prêmio Nobel da Paz, em 2012, após sobreviver ao ataque do Talibã. Dois anos depois, ela se tornou a mais jovem a receber o prêmio em 114 anos de história, ao lado do ativista indiano de direitos humanos Kailash Satyarthi. O comitê do Nobel anunciou a escolha na manhã do dia 10 de outubro de 2014, cujo critério foi "a luta contra a opressão das crianças e dos jovens e pelo direito de todas as crianças à educação"¹⁰⁴.

Quando ganhava prêmios pelo meu trabalho na escola, eu ficava feliz, pois trabalhava duro para merecê-los. Mas esses outros prêmios são diferentes. Sou grata por eles, mas só lembram o quanto ainda falta fazer para atingir a meta de educação para todo menino e para toda menina. Não quero ser lembrada como a "menina que foi baleada pelo Talibã", mas como a menina lutou pela educação. Esta é a causa para a qual estou dedicando minha vida. (YOUZAFZAI & LAMB, 2013, p. 323.)

¹⁰⁰ "Menina com um livro", em tradução livre. "Inspiradas por Malala, jovens querem montar biblioteca no Paquistão". *Rádio ONU*. 20/08/2014. Disponível em: <http://goo.gl/OzXjnb>. Acesso em: 20/08/2014.

¹⁰¹ "Jovem Malala recebe o prêmio europeu de Direitos Humanos." *Veja*. 10/10/2013. Disponível em: <http://goo.gl/hf0krq>. Acesso em: 17/11/2014.

¹⁰² "A Anistia Internacional anuncia os ganhadores do Prêmio Embaixador da Consciência 2013". *Anistia Internacional*. 13/09/2013. Disponível em: <http://goo.gl/1u3Pua>. Acesso em: 17/11/2014.

¹⁰³ "KidsRights: International Children's Peace Prize 2013 awarded to Malala Yousafzai". *KidsRights*. 06/09/2013. Disponível em: <http://goo.gl/Mm2Kwq>. Acesso em: 17/11/2014.

¹⁰⁴ "Malala e Kailash Satyarthi vencem o Nobel da Paz 2014". *O Globo*. 10/10/2014. Disponível em: <http://goo.gl/BTLqfs>. Acesso em: 17/11/2014.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Anne Frank. Ruby Bridges. Samantha Smith. Severn Cullisp-Suzuki. Adora Svitak¹⁰⁵. O que essas meninas de diferentes nacionalidades e gerações têm comum? Elas sonharam com um mundo melhor. Elas sonharam com um mundo sem guerras e violência, sem danos ao meio ambiente, sem segregação racial e de gênero, no qual as vozes e clamores das crianças são levadas a sério¹⁰⁶. E a este seleto grupo se junta a ativista pela educação Malala Yousafzai.

Para entender e se engajar na luta desta jovem, primeiro é necessário compreender que a defesa dos direitos das meninas é um fenômeno em curso. Prova disso é a institucionalização do Dia Internacional das Meninas pela ONU em 2011 e a preocupação de diversas organizações, como a Human Rights Watch, em levantar dados sobre o acesso de meninas e mulheres ao ensino escolar e, conseqüentemente, melhores condições de vida – principalmente em regiões mais pobres e historicamente negligenciadas do mundo, como o Oriente Médio. No entanto, é lento o processo de empoderamento das meninas.

É certo afirmar, com cautela, que a disparidade entre gêneros em países muçulmanos tem a ver com questões histórico-culturais do Islã, principalmente no que diz respeito à estrutura hierárquica das tribos do deserto (Manji, 2004). No entanto, é preciso cuidado para não misturar o Islamismo enquanto crença com os códigos socioculturais de conduta islâmica, que possibilitam a violência contra as mulheres (Osman, 2010; El Hajjami, 2008; Szklarz, 2010). A situação das muçulmanas vai além da visão maniqueísta e estereotipada de que elas seriam oprimidas e submissas ao Islã (Osman, 2010). Em toda a sociedade há mecanismos que tentam impor condições e formas de comportamento às mulheres; esse domínio sobre as mulheres e seus corpos seria se dá, na realidade, por meio de construções histórico sócio culturais (Bourdieu, 1998; Giffin, 1994). Mas, paralelamente, essas relações de poder são acompanhadas por pontos de resistência (Foucault, 1980); o poder não é um ponto fixo, logo, as autoridades que o detém não

¹⁰⁵ Anne Frank (1929-1945), uma adolescente alemã de origem judaica vítima do Holocausto, ficou conhecida pelo seu diário publicado postumamente; a ativista Ruby Bridges foi a primeira criança norte-americana a frequentar uma escola só para brancos nos anos 1960; em sua curta vida, a norte-americana Samantha Smith (1972-1985) foi "a mais jovem embaixadora dos EUA" e "embaixadora da boa-vontade" na União Soviética; a canadense Severn Cullisp-Suzuki ficou conhecida como "a menina que silenciou o mundo por cinco minutos" por seu discurso para diplomatas e chefes de Estado na Rio 92, aos 12 anos de idade; a norte-americana Adora Svitak, hoje com 13 anos, começou sua carreira como escritora aos seis.

¹⁰⁶ "Sete crianças que abalaram o mundo." *Portal Aprendiz*. 11/10/2014. Disponível em: <http://goo.gl/r8djTK>. Acesso em: 19/10/2014.

podem esperar serem obedecidas o tempo todo e passivamente sem o levante de questionamentos e tentativas de transformação social pelos grupos que se sentem prejudicados.

É possível ver essa resistência entre as mulheres muçulmanas. Ativistas, profissionais liberais, ganhadoras do Prêmio Nobel, esposas, mães, filhas, todas estão envolvidas no processo de transformação social no Oriente Médio que teve seu ápice na Primavera Árabe, em 2011. Ainda assim, elas são deixadas de lado da maioria das decisões políticas na implementação de novos governos. É interessante destacar que há centenas de anos, as mulheres da região adquiriram muitos direitos relacionados ao casamento, divórcio e herança com a criação do Islã no século VII. Por outro lado, as mulheres ocidentais só foram conquistar esses e outros direitos a partir do século XVIII, com raras exceções.

Ainda assim, é inegável que a luta das muçulmanas pela (re)conquista seus direitos está acontecendo. Esse é o objetivo maior de uma rede de grupos islâmicos e seculares (Monshipouri; 2004). Mas o triunfo será das muçulmanas. E uma das maiores representantes dessa causa na atualidade é Malala Yousafzai.

A ativista tem uma vida diferente da maioria das meninas; ela tem um pai educado, um erudito, que protege seus sonhos e aspirações. Mas ela não é um caso a parte. A iemita Nada al-Ahdal, por exemplo, fugiu da casa dos pais ao 11 anos para não ser obrigada a casar e poder continuar estudando. Como a mesma declarou, ela “conseguiu resolver seu problema, enquanto milhares de meninas não conseguem”. Mas a transformação está ocorrendo. E a mídia tem papel fundamental nesse processo para que garotas do Paquistão, do Oriente Médio ou de qualquer região possam contar suas histórias para o mundo.

Muitas jovens de diferentes partes do mundo passaram a ter visibilidade com a repercussão do atentado contra a vida da Malala pelo Talibã em outubro de 2012. Essas meninas, em sua tenra idade, já sabem que a educação escolar é forma pela qual poderão transformar não apenas suas vidas, mas as comunidades onde vivem. Essa é a aspiração da Malala Yousafzai. “Esse não é o fim da campanha que eu comecei. Eu quero que toda a criança vá à escola”¹⁰⁷.

¹⁰⁷ “Malala Yousafzai, Nobel Peace Prize Laureate 2014.” *Nobel Prize (YouTube channel)*. 10/10/2014. Disponível em: <http://goo.gl/NA9LkF>. Acesso em: 10/10/2014.

6. REFERÊNCIAS

Livros:

- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Tradução: Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998 (2ª edição, 2007).
- CARRANCA, Adriana; CAMARGOS, Marcia. *O Irã sob o chador: Duas brasileiras no país dos aiatolás*. São Paulo: Editora Globo, 2010.
- CARRANCA, Adriana. *O Afeganistão depois do Talibã: Onze histórias afegãs do 11 de setembro e a década do terror*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2011.
- FINGUERMAN, Ariel. *Retratos de uma guerra: Histórias do conflito entre israelenses e palestinos*. São Paulo: Editora Globo, 2005.
- FOUCAULT, Michel. *Método*. In: História da Sexualidade – Vontade de Saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1980 (13ª edição, 1988).
- HOURANI, Albert. *Uma história dos povos árabes*. Tradução: Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- MANJI, Irshad. *Minha briga com o Islã: O clamor de uma mulher muçulmana por liberação e mudança*. São Paulo: Editora Francis, 2004.
- NAFISI, Azar. *Lendo Lolita em Teerã – Memórias de uma resistência literária*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2009.
- PATRÍCIO, Daniela Silva. *Educação e Gênero: Uma discussão para além da inclusão igualitária*. Anais do V Simpósio Internacional: O Estado e as Políticas Educacionais no Tempo Presente, Universidade Federal de Uberlândia (UFU) - 06 a 08 de dezembro de 2009.
- SAID, Edward W. *Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. 3ª edição (2012).
- SHEIK, Bilquis; SCHNEIDER, Richard. *Atrevi-me a chamar-lhe Pai*. São Paulo: Editora Vida, 2009.
- SODRÉ, Muniz. *Cultura e Educação* (p. 15-72). In: Reinventando a educação: diversidade, descolonização e redes. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- YOUSAFZAI, Malala; LAMB, Christina. *Eu sou Malala: A história de uma garota que defendeu o direito à educação e foi baleada pelo Talibã*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

Artigos:

- BEN SALEM, Lilia. *Tunisia*. In: Women's Rights in Middle East and North Africa. New York, NY: Freedom House; Lanham, MD: Rowman & Littlefield, 2010.
- CAMPANHA DO SECRETÁRIO-GERAL DAS NAÇÕES UNIDAS CONTRA O FIM DA VIOLÊNCIA ÀS MULHERES. *Violence against women* (p. 127-139). In: The World's Women 2010: Trends and Statistics. Nova York (EUA): Departamento de Informações Públicas das Nações Unidas, 2010.
- EL HAJJAMI, Aïcha. *A condição das mulheres no Islã: a questão da igualdade*. Cadernos Pagu 30 (Unicamp), janeiro-junho de 2008: P. 107-120.
- FERREIRA, Jaqueline. *O humanitário no Brasil: entre o ideal universal e a cultura local*. In: Direitos e ajuda humanitária: perspectivas sobre família, gênero e saúde. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2010. Disponível em: <http://goo.gl/aXTnh4>. Acesso em: 27/10/2014.
- GIFFIN, Karen. *Violência de Gênero, Sexualidade e Saúde*. Cad. Saúde Públ., Rio de Janeiro, 10 (supl. 1): 146-155, 1994.
- LANDINI, Tatiana Savoia. *Violência sexual contra crianças na mídia impressa: gênero e geração*. In: cadernos pagu (26), janeiro-junho de 2006: pp.225-252.

MONSHIPOURI, Mahmood. *O Mundo Muçulmano em uma Era Gobar: A Proteção dos Direitos das Mulheres*. In: CONTEXTO INTERNACIONAL Rio de Janeiro, vol.26, no 1, janeiro/junho 2004, pp.187-217.

ONU - ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. *Investing In Development - A Practical Plan to Achieve the Millenium Development Goals*. Nova York (EUA), 2005. Disponível em: <http://goo.gl/xlEj8z>.

ONU - ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. *Resolution 55/2. United Nations Millennium Declaration*. Nova York (EUA), 18.9.2000. Disponível em: <http://goo.gl/QZK9tY>.

ONU- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. *Resolution 66/170. International Day of the Girl Child*. Nova York (EUA), 19.12.2011. Disponível em: <http://goo.gl/C1FapO>.

OSMAN, Samira Adel. *Tirando o véu do preconceito*. In: Revista Aventuras na História, Edição 84 – Julho de 2010. São Paulo: Editora Abril.

PERRET, Raphael. *Os blogs e a multiplicação das vozes*. In: Eu, Mídia - A Era Cidadã e o Impacto da Publicação Pessoal no Jornalismo. Mario Lima Cavalcanti (org.). Rio de Janeiro: OPVS, 2008; p. 15-28.

Periódicos:

“Quem tem medo de feminismo?” *Jornal do Brasil*, Idéias, 27/10/2001, p. 1-2.

“Emissárias de uma nova era.” *Revista Geo*, abr. de 2010, p. 42-51.

“Sob o véu.” *Revista Aventuras na História*, jul. de 2010, p. 28-35.

“As meninas e os livros.” *O Globo*, Economia, 11/10/ 2014, p. 26.

Websites:

Agência EFE: <http://www.efe.com/>

Amanpour: <http://amanpour.blogs.cnn.com/>

BBC Brasil: <http://www.bbc.co.uk/portuguese>

BBC News: www.bbc.com

Ciência Hoje On-Line: <http://cienciahoje.uol.com.br/>

Diary of a Pakistani schoolgirl – BBC Urdu: <http://goo.gl/yVTZly>

Época: <http://revistaepoca.globo.com/>

Estadão: <http://www.estadao.com.br/>

Exame: <http://exame.abril.com.br/>

Folha de S. Paulo: <http://www.folha.uol.com.br/>

Foreign Policy: <http://www.foreignpolicy.com/>

Freedom House – Women's Rights in Middle East and North Africa: <http://goo.gl/jrm8U3>

G1: <http://g1.globo.com/>

Harvard University: <http://harvard.edu/>

Human Rights Watch: <http://www.hrw.org/>

I Am Malala: <http://goo.gl/uL8aFM>

Jornal do Brasil: <http://www.jb.com.br/>

O Globo: www.oglobo.globo.com

ONU Brasil: <http://www.onu.org.br/>

ONU Mulheres: <http://goo.gl/mkY8Xb>

Oxford Mail: <http://www.oxfordmail.co.uk/>

Portal Aprendiz: <http://portal.aprendiz.uol.com.br/>

Pragmatismo Político: <http://www.pragmatismopolitico.com.br/>

Público: <http://www.publico.pt/>

Rádio ONU: <http://www.unmultimedia.org/radio/portuguese/>
Reuters: <http://www.reuters.com/>
Revista Pittacos: <http://revistapittacos.org/>
The Independent: <http://www.independent.co.uk/>
The Guardian: <http://www.theguardian.com/>
The New York Times: <http://www.nytimes.com/>
The Telegraph: <http://www.telegraph.co.uk/>
Time: <http://world.time.com/>
Último Segundo - iG: <http://ultimosegundo.ig.com.br/>
United Nations: International Day of Girl Child: <http://goo.gl/dZuVT8>
United Nations: International Women's Day: <http://goo.gl/6mD0j2>
United Nations Millennium Development Goals And Beyond 2015: <http://goo.gl/2qfwct>
Women Living Under Muslim Laws: <http://www.wluml.org/>

7. ANEXOS

7.1. Entrevista com a jornalista Adriana Carranca, repórter do Estado de São Paulo, feita em 15/01/2013:

1. No seu próprio blog do Estadão, você fala muito sobre a questão da mulher no Oriente Médio. Como você acha que isso pode ajudar na visão que a sociedade brasileira tem daquela região?

Adriana Carranca: Você chega com o olhar estrangeiro, com seus costumes, suas opiniões, seus valores, e tudo o que você vê é o diferente. É legal dar voz às mulheres daquele lugar, colocando o lado delas. É melhor a Malala falando da tirania que ela sente pelo Talibã do que alguém de fora falar. Ela que vive aquilo, ela que acha e sabe o que está errado. E tem algumas mulheres que gostam de usar o véu, que acham moda, que acham que as individualiza. É melhor que elas digam o que elas acham sempre do que a história ser contada pelo olhar estrangeiro. Como é que antes do blog a gente ia saber como vive uma menina no interior tribal do Paquistão?

2. Existem problemas muito sérios no Oriente Médio como o casamento de meninas com homens mais velhos e a destruição de escolas para elas. Como uma mobilização internacional, por exemplo, as manifestações realizadas em todo o mundo por causa da Malala, pode mudar alguma coisa a esse respeito?

A.C.: Aí já uma mudança mais difícil de ocorrer, que envolve leis. Mas é sempre um passo. O que a Malala trouxe foi a conscientização de que aquilo não é certo, de que as condições não boas, de que as meninas tem que estudar. Antigamente isso não era visto como um problema. Menina não precisava estudar. Chegava uma certa idade, já era hora de casar. Mas hoje, por que isso é um problema? Porque tem meninas como a Malala, que querem estudar, que querem melhorar. O Paquistão também tem documentaristas importantes, como Samar Minallah, que fala casamento de crianças. Eu vou fazer uma entrevista com ela¹⁰⁸. Ela levou isso para o Parlamento do Paquistão e nem eles sabiam que isso acontecia nas áreas tribais. (É um país em que o governo

¹⁰⁸ “Malala’s Forgotten Sisters”. *Foreign Policy*. 12/07/2013. Disponível em: <http://goo.gl/Nyr1Q1>. Acesso em: 21 de setembro de 2014.

está muito distante das áreas tribais controladas pelo Talibã.) Recentemente um congressista paquistanês foi indiciado por participar de um conselho tribal que decidia o casamento de crianças. Só o fato de ele ter negado é sinal de que as pessoas já entenderam que isso é errado. No caso da Malala, o principal é os jovens, as garotas da idade dela entenderem que isso é errado. O pai dela é um ativista pela educação. Ela colocou a filha nisso, infelizmente ela acabou trazendo consequências ruins para ela. Mas ele colocou o ativismo como exemplo na família. Foi legal, porque ele é um homem. Mostra que não são só as mulheres que defendem seus direitos, mas os homens também. É mais uma questão do Paquistão não aceitar mais isso, de negar às meninas a educação. De não deixar mais áreas sendo controladas pelo Talibã. Vai mudando, demora para mudar lei e um monte de coisa. Mas uma hora acontece. Já tem grupos discutindo a questão da mudança e das leis. Isso não é novo. A Malala já era conhecida no Paquistão. Ela ficou conhecida internacionalmente após o atentado, mas já tinha toda essa discussão.

3. Trazendo essa questão de gênero para o Brasil, ainda vemos muitos casos de estupro, assédio sexual e casamentos com homens mais velhos, como no Nordeste. Acha que uma mobilização assim, a partir de blogs, pode trazer mudanças para a sociedade brasileira?

A.C.: Óbvio que sim. O Brasil tem grandes jornais, mas eles tem um alcance muito limitado. E a parcela da população que eles atingem também é muito limitada. Não há um grande jornal que atinja grande parcela da classe mais baixa da população. No Brasil acontece de ter muito a mídia local, famílias mais poderosas das regiões mais afastadas é que controlam os conglomerados de comunicação. E as pessoas mais vulneráveis não têm acesso, não têm voz. Esse novo espaço da Internet é o que possibilita que as pessoas tenham vozes. Possibilita falar, criar a sua própria comunidade. Isso é muito legal, porque os mais vulneráveis não tinham representatividade na comunicação. Os grandes jornais não chegam a esses lugares. Os mais vulneráveis acabam nunca sendo ouvidos. O espaço está aí para quem quiser usar. A questão é também do acesso à Internet, que tem que universalizar.

7.2. Entrevista com a socióloga Marília Moschkovich, autora do Blog Mulher Alternativa¹⁰⁹, em 21/12/2012:

1. O meu foco é nas manifestações feitas pelas e para as mulheres muçulmanas em blogs. Como os leitores reagem a isso?

Marília Moschkovich: Eu escrevi poucas vezes sobre o assunto no meu blog, e quando escrevi a maioria das pessoas que comentou concordou comigo que nosso olhar é cheio de preconceitos do "ocidente". Acho que meu público, pelo estilo do blog, é bem aberto, pouco preconceituoso. Não seria a mesma coisa em caixas de comentários de blogs com público conservador.

2. Os seus posts que falam sobre esses assuntos, por exemplo, tiveram muitas visualizações e comentários?

M.M.: Meu post que fala das mulheres muçulmanas¹¹⁰, na verdade, fala bastante de nós, ocidentais e do nosso preconceito. Então não é exatamente sobre mulheres muçulmanas. Diferente da matéria que vai sair na Vida Simples, sobre minha experiência pessoal derrubando meus próprios preconceitos com muçulmanas que conheci ao longo da vida.

3. Você acha que esses posts ajudam a diminuir a visão, principalmente no Ocidente, de que a mulher muçulmana é passiva, submissa e não luta por seus direitos e desejos?

M.M.: Esse é meu objetivo! Se eu não acreditasse nisso, nem me daria o trabalho de escrever os posts! Então eu acho sim. A matéria que vai sair na Vida Simples¹¹¹, para mim, é um passo importante. A gente tem que parar, no Brasil, de “fetichizar” o Oriente, tratá-lo como algo exótico, tratar os povos orientais como algo menos desenvolvido, menos evoluído e menos senhor de si. Todos os povos precisam ter a mesma autonomia, essa é a única forma de não sermos paternalistas. Ao mesmo tempo, precisamos parar de nos identifica tanto com o suposto

¹⁰⁹ Disponível anteriormente em: <http://www.mulheralternativa.net/>. Página tirada do ar pela blogueira. Nova página: <http://mariliamoscou.com.br/>.

¹¹⁰ “Depilação é a burca brasileira”. *Marília Moscou*. 27/10/2014 (data da publicação original, no blog *Mulher Alternativa*: 05/04/2010). Disponível em: <http://goo.gl/nvcTET>. Acesso em: 27/10/2014.

¹¹¹ “O que aprendi com as mulheres muçulmanas.” *Vida Simples*. 01/02/2013. Disponível em: <http://goo.gl/Xpn1C5>. Acesso em: 26/10/2014.

"ocidente", que nos rechaça e sequer nos considera como "iguais". Se dissermos na Europa que o Brasil é ocidente, as pessoas dão risada.

7.3. Entrevista com a pesquisadora Samira Adel Osman, muçumana e professora de História da Ásia na Unifesp, em 13/01/2013:

1. Até que ponto a visão ocidental de que a mulher muçulmana é passiva, submissa e não tem acesso, bem como não luta, pelos seus direitos?

S.A.O.: Esse ponto de vista tem sido ressaltado, sobretudo pela mídia, generalizando as mulheres muçulmanas como uma massa amorfa e sem expressão. Dessa forma, desconsidera-se que o mundo muçulmano é polimorfo, está presente em diferentes culturas e continentes e momentos históricos. Benazir Butho era muçulmana, por exemplo. Ressalto também o nome da intelectual muçulmana marroquina Fatima Mernissi, que tem procurado romper essa visão unilateral da condição feminina muçulmana.

2. Por que, em sua opinião, há essa confusão entre religião e as políticas que reprimem alguns grupos sociais, nesse caso, as mulheres?

S.A.O.: Porque na lógica ocidental racionalista e filha do Iluminismo é mais cômodo e fácil culpar a religião como fator de atraso e ignorância. A religião, na importância que tem para o mundo muçulmano, é inconcebível para o Ocidente onde há séculos a separação entre mundo religioso e mundano, poder temporal e espiritual, fé e razão foi concretizada. Portanto, ao invés de compreender as questões políticas, dominação de um grupo sobre o outro, exploração e miséria como decorrentes de grupos políticos no poder responsabiliza-se a religião.

3. Pode-se dizer que o blog criado pela Malala Yousafzai em 2009 não foi o início e sim resultado de um fenômeno que já existia para desmistificar a visão ocidental e mostrar que as mulheres muçulmanas têm voz própria?

S.A.O.: Sim, muitas ações dessa natureza tem se espalhado por diversos países e culturas, mas apenas quando um acontecimento trágico vem à tona é que essas ações tornam-se públicas. Então se tem a impressão de que são fenômenos recentes e pontuais e não um processo em construção.

4. Como o as manifestações que vêm sendo realizadas após o atentado contra Malala, dentro e fora do Oriente Médio, ajudam a desmistificar essa visão, mostrando que as mulheres muçulmanas lutam, sim, pelos seus direitos?

S.A.O.: Podemos pensar também o caso da Primavera Árabe quando as mulheres saíram às ruas exigindo mudanças em seus países. Essas ações têm efeitos positivos uma vez que colocam as muçulmanas em outro palco, agindo, atuando, lutando por seus direitos.

5. E como os blogs, como o de Malala contribuem para quebrar esse estereótipo?

S.A.O.: O papel das novas mídias, internet, redes sociais exercem um papel fundamental no mundo atual, nas mais diversas causas e ações. Portanto, ações como blogs e outras formas de comunicação são importantes para romper estes e outros estereótipos.

6. Mudando de assunto, grande parte dos casamentos de meninas, divulgada pela mídia ocidental ocorre no Oriente Médio. A institucionalização do Dia Internacional das Meninas, em 2012, traz como primeiro tema o fim do casamento de crianças. Qual a sua opinião sobre o estabelecimento desta data?

S.A.O.: Acho importante para coibir estas e outras situações semelhantes. Devemos pensar que o casamento de meninas é tão repugnante quanto: casos de pedofilia, exploração sexual infantil, turismo sexual, leilão de virgindade pela internet. Além de institucionalizar a data, outras ações devem se seguir a elas para que essas ações sejam de fato efetivadas e não sejam apenas datas.